

20. NOV. 1979

A Biblioteca Publica
LISBOA-2

«O ÓDIO É A VINGANÇA

DOS COBARDES».

B. Shaw

A VOZ DE

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00) N.º 752
ANO XXVII 15/11/1979Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIORDIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade BarrosRedacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Telef. 6 25 36 LOULÉ

VÊM AÍ AS ELEIÇÕES!

Votar em 2 e 16 de Dezembro é um dever com sabor religioso

Vai grande azáfama com os preparativos eleitorais.

Nas sedes dos Partidos políticos, nas Juntas de Freguesia, nas Comissões de Recenseamento, etc., tudo se movimenta e desdobra em esforços para ter prontos a entregar, até às 17 horas do próximo dia 2 de Novembro, no Tribunal Judicial de Loulé, cerca de 800 documentos respeitantes às candidaturas seleccionadas pelos Partidos para concorrerem às eleições para a Câmara e Assembleia Municipais e para as 9 Juntas e Assembleias de Freguesia.

Estas notas estão a ser escritas em 31 de Outubro. É possível que alguns nomes que compõem as listas laboradas pelos Partidos venham a sofrer qual-

quer alteração à última hora. Eis os nomes dos candidatos às autarquias locais:

CÂMARA MUNICIPAL
(7 lugares)

Partido Socialista (P.S.)

1.º — António Maria Andrade de Sousa — Industrial; 2.º —

Paulo José dos Santos Lopes — Prof. do Ensino Secundário; 3.º — Henrique dos Santos Galo — Funcionário autárquico.

Partido Social Democrata (P.S.D.)

1.º — Eng.º Júlio Mealha — Prof. da Escola Técnica; 2.º — (Continua na pág. 2)

PORTUGAL VERDADES AMARGAS

crónica de LUÍS PEREIRA

Ninguém ignora que Portugal está permitindo a infiltração de organizações estrangeiras. Ora não se consegue a paz social,

menos riscos e melhor segurança, transformando o nosso País num covil de forças internacionais, di-

(Continua na pág. 2)

NESTE NÚMERO:

UM SÓ VOTO QUE SEJA
PODE SER DECISIVO

(VER PÁGINA 10)

PORQUE DEVEMOS
COMBATER A MOSCA

(VER PÁGINA 8)

ÓPERA NO ALGARVE

(VER PÁGINA 10)

MOVIMENTO CRISTÃO PRÓ-VOTO

Sem compromissos políticos com quaisquer partidos, um grupo de cristãos leigos fundou oportunamente o já chamado «Movimento Cristão pró-Voto» com a finalidade de promover uma campanha de esclarecimento cristão quanto ao próprio acto de votar.

Ligado a vários movimentos

de apostolado laical, o movimento conta já com centros coordenadores em todas as terras do país, pensando agora criar escolas regionais de responsáveis, que não só se dediquem à divulgação da mensagem cristã, como também esclareçam e eduquem civicamente o povo

(Continua na pág. 8)

O Jardim dos "Amuados"



Vista panorâmica do mais bonito jardim de Loulé

É sempre notícia este belo, belíssimo, recanto da nossa vila. É que nele reside o mais antigo sêlo da antiguidade do velho Castelo, tão forte e altaneiro na defesa do sagrado nome de um

Loureiro que deu, de então até nossos dias, o respeitadíssimo nome de Loulé.

Gosto de gozar o extraordinário panorama que se desfruta deste

(Continua na pág. 9)

TERMINOU O CICLO DA SOBREVIVÊNCIA. VAMOS INICIAR O CICLO DE RECUPERAÇÃO DA COMISSÃO DE TURISMO DO ALGARVE

— afirmou o Dr. Ismael da Cunha

(VER PÁGINA 7)

Para os que têm ouvidos e não ouvem Para os que têm olhos e não vêem

Na continuidade do conhecimento que nos propuzemos dar ao texto do folheto que dos homens da sua época deixou o ilustre Algarvio e prestante Louletano que foi o Dr. Marçal Pacheco, aqui estamos, de novo, a transcrever o que legou aos vindouros, do seu conhecimento das lides e lutas de má política e dos maus políticos do seu tempo.

As suas críticas acerbas à burocracia, à inércia dos serviços, ao sistema eleitoral, aos vícios e defeitos dos parlamentos, à deslealdade, à intriga, aos incapazes,

PARA BREVE A RECUPERAÇÃO FINANCEIRA DO HOSPITAL DE LOULÉ?

(VER PÁGINA 10)

Quem rouba afinal OS AGRICULTORES ALGARVIOS?

Sentindo que alguém se aproveitou de circunstâncias que lhe foram favoráveis para poder enganar terceiros, o sr. Primo de Sousa Pereira, percebeu que não podia calar os seus sentimentos de revolta perante atitudes menos honestas daqueles que o ludibriaram.

Conhecemo-lo desde há anos e sabemos quanto tem sido íntegra a sua vida de honesto agricultor de Boliqueime. Por isso não tivemos dúvidas em publicar uma carta em que exprimiu a sua repulsa pelas obscuras manobras

de que foram vítimas numerosos agricultores algarvios — só porque compraram máquinas agrícolas através de letras e se viram forçados a reformá-las.

As entregas foram feitas em Faro (no agente) e as letras ficaram retidas em Lisboa logo que uma Comissão de Trabalhadores de J. J. Gonçalves teve plenos poderes para manobrar a empresa.

Claro que, para essa Comissão de Trabalhadores, o nosso conteúdo, amigo e dedicado assinante

(Continua na pág. 4)

ELEIÇÕES À VISTA

Votar, mas votar bem

O eleitor português irá brevemente às urnas para eleger, pelo seu voto, a Assembleia da República e as Autarquias locais. Quer isto dizer que será única e exclusivamente da sua escolha que irão sair os Deputados que amanhã terão assento no Parlamento para legislarem ao nível do País,

e os Autarcas que conduzirão os interesses locais das populações.

— Que vai, pois, fazer o eleitor?

Perante a responsabilidade social dos actos eleitorais desta natureza, é fácil ver-se que a abstenção seria pura e simplesmente um crime contra a sociedade e

(Continua na pág. 8)

RALLY DO ALGARVE

Schweizer-Thomas, a vitória alemã

O Rali do Algarve, é uma legenda no desporto motorizado português.

Um sinónimo de dureza. Uma

— Reportagem de —
— JOSÉ MANUEL MENDES —
— e —
— AMILCAR MARREIROS —

dureza excessiva, porventura, a tal ponto que, nesta nona edição, de 1979, das 88 equipas inscritas, 29 acabaram por não comparecer à linha da partida. Das restantes, uma hecatombe de problemas, avarias, despistes e outras peripécias mais, inerentes ao desporto automóvel, acabaram por «filtrar» até à módica quantidade de sete, os heróis que conseguiram chegar ao fim.

Pela segunda vez, desde que

(Continua na pág. 2)

JÁ QUE A LEI A ISSO NÃO OBRIGA, CADA POR-

TUGUÊS DEVE IMPOR A SI PRÓPRIO A PATRIÓTICA

OBRIGAÇÃO DE VOTAR.

PORTUGAL

VERDADES AMARGAS

(Continuação da pág. 1)

tas de «libertação» mas cujos desígnios totalitários e repressivos são por demais conhecidos. A Conferência Mundial de Solidariedade com o Povo Árabe e a Causa Palestiniana é o reflexo da existência, entre nós, de forças ao serviço de Moscovo que procuram a desestabilização e o alargamento da acção soviética no Ocidente.

Uma reunião comunista com a presença de elementos socialistas, comunistas e sociais democratas, que pretendem a divisão do País, à semelhança do que Moscovo tem feito no Médio Oriente. Elementos do PREC, tais como Costa Gomes e Pereira Santos, adeptos dos vícios infernais do social-fascismo dão o tom da «libertação árabe». Que procissão sinistra de tentadoras figuras do passado gongalvistas!

Tudo para servir os desígnios do Kremlin, para fazer crer que a hipocrisia é solidariedade. Vêmos dizer que pretendem apoiar a justa luta do povo palestino, sabemos do drama dos refugiados de África, dos milhões de pessoas que fogem do comunismo na Etiópia e no Ogaden, dos que diariamente arriscam a vida ao transporem o arame fardado para alcançarem o Ocidente. Uma solidariedade e um pacifismo enganadores que somente procuram o reconhecimento das teses marxistas de Moscovo. É a imposição ideológica num País em degradação que se tornou fértil à infiltração de doutrinas dogmáticas.

Jovens Portugueses, que não são apenas esfarrapados e drogados, dão uma lição de moral aos que permitiram tal conferência, considerando-a uma calúnia ao verdadeiro sentido do dever nacional. Arafat é acusado de desvio de aviões, metralhamento de aeroportos, assassinatos, sequestros, ataques e bombas e outros crimes contra gente inocente.

Em vésperas de eleições, quando Portugal precisa de definir um rumo democrático que sentido tem o reconhecimento da OLP como uma organização democrática? Objectivos eleitoralistas dos comunistas através da propaganda viciada. Foi assim que Hitler pretendeu conquistar o mundo, que Stalin desenvolveu a sua intensa campanha, que Lenin dominou o estado soviético.

Enquanto se desenrola esta evidente estratégia de Moscovo, as ilhas adjacentes, Açores e Madeira, correm o risco do terrorismo edificando as suas bases de assaltamento pela mão da URSS, interessada em diminuir a influência americana nestas ilhas.

Ninguém ignora que a URSS joga em Portugal a sua cartada totalitária. O Governo Pintassilgo fica espocado, o Presidente da

República cala e consente, Costa Gomes vem representar a Cooperação e a Paz Mundial sem qualquer procuração do Povo Português.

Serão os jovens Portugueses infantis na política? Creio que não. Sempre souberam lutar contra os totalitarismos de todas as espécies. Desta vez responderam aos chefes máximos do nosso País que não querem ver Portugal transformado num covil de terrorismo internacional. A Comunidade Israelita em Lisboa, conhecedora da velha luta contra Hitler e contra a URSS social-fascista, também enviou os seus telegramas de protesto.

Uma afronta à dignidade e aos sentimentos cristãos do Povo Português.

Devemos ter amizade e cooperarmos com todos os povos do mundo, sem excepção, não devemos, contudo, permitir a infiltração dos que se movem nas nuvens extremas da política, comprimidos no seu internacionalismo, agitando e gritando histericamente pelas cordilheiras de agónias e repressões a soldo de remessas da União Soviética. É o comunismo de vanguarda que pretende roubar a liberdade ao nosso Povo.

Eu sei que a Juventude Portuguesa tem a resposta pronta porque ela representa o futuro do nosso País, embora as velharias não lhe reconheçam o seu valor e os seus méritos.

Pela nossa independência nacional: lutaremos!

LUIS PEREIRA

Votar em 2 e 16 de Dezembro é um dever com sabor religioso

(Continuação da pág. 1)

Dr. José Manuel Mendes Bota — Economista; 3.º — José Teixeira Coelho (Pires) — Ind. de camionagem.

Centro Democrata Social (C.D.S.)

1.º — Dr. Júlio Fernando da Cunha Baptista Coelho — Economista; 2.º — Aníbal Marim Pereira — Chefe de conservação de estradas; 3.º — José da Luz Jerónimo — Agricultor; Vítor José Nunes Teixeira — Adm. de empresa; Alberto Narciso Guerreiro — Gerente Comercial; José Maria Gonçalves Pereira — Encomendado de compras; Horácio Pinto Gago — Comerciante.

Aliança Povo Unido (P.C.P. + M.D.P.)

1.º — João dos Santos Simões — Tipógrafo; 2.º — Bruno Abílio Coelho — Tipógrafo; 3.º — Manuel Cerveira Dias — Desenhador.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL (35 lugares agora, 16 antes)

Partido Socialista

1.º — Dr. Luís Filipe Madeira — Advogado; 2.º — Eng.º Manuel Barroso Proença — Gestor da Cimpor; 3.º — João Francisco Moz Carrapa — Topógrafo.

Partido Social Democrata

1.º — Dr. Cristóvão Norte — Advogado; 2.º — Dr.º Odete

Guerreiro — Prof.ª do Ensino Preparatório; 3.º — Dr. Luís Pontes — Advogado.

Centro Social Democrata

1.º — Vítor Manuel Guerreiro Mascarenhas — Agricultor; 2.º — João Manuel Correia Soares — Gerente de Hotel; 3.º — José Leal dos Santos — Comerciante.

Aliança Povo Unido

1.º — Por indicar; 2.º — Manuel de Sousa Lima — Motorista; 3.º — Manuel Cerveira Dias — Desenhador.

Alguns dados biográficos sobre os 3 primeiros candidatos às duas autarquias:

CÂMARA — Do P.S., o 1.º é o actual Presidente, foi vereador da Comissão Administrativa, após 25 de Abril, e presidiu à Comissão de Gestão; do P.S.D., o 1.º foi Vice-Presidente há cerca de 20 anos; o 2.º com 24 anos é o mais jovem candidato, e o 3.º é actualmente vereador; do C.D.S. o 3.º foi vereador em 1973/74. Foi este Partido o único que nos ofereceu, a nosso pedido, referências pessoais sobre os 3 primeiros candidatos à Câmara e que a seguir transcrevemos: Dr. Batista Coelho, formado em Economia pela Universidade de Lisboa, com 33 anos de idade, Administrador da Lusotur, natural de Lisboa e residente em Vilamoura; Aníbal Marum, natural de St.ª Bárbara de Nexe, 59 anos de idade, funcionário da J.A.E., frequentou o curso liceal e reside em Loulé; José da Luz, 50 anos de idade, ex-funcionário da Caixa G. Depósitos e Banco do Algarve, natural de St.ª Bárbara de Nexe e residente em Loulé. Frequentou o curso liceal. Da A.P.U. o 1.º é, presentemente, vereador e juntamente com o 2.º fizeram ambos parte da Comissão Administrativa, como vereadores.

ASSEMBLEIA — Do P. S. o 1.º foi Governador Civil, Secretário de Estado e Deputado à Assembleia da República; o 2.º e 3.º, foram deputados à Assembleia Constituinte, sendo o último vereador a tempo inteiro da actual Câmara; do P.S.D. o 1.º foi Deputado da Assembleia da República em exercício; da A.P.U. o 2.º é também membro da Assembleia Municipal e o 3.º é o Presidente do Conselho Municipal.

ORAVEIRA POLITICA — Sendo a proposição das candidaturas acentuadamente partidárias e os lugares em disputa essencialmente políticos, julgamos interessante indicar os elementos que se nos afiguram dotados de mais evidente perfil político, os quais, segundo a nossa óptica, são os seguintes: Dr. Filipe Madeira, Dr. Cristóvão Norte, Ant. M. Andrade de Sousa, J. F. Moz Carrapa e João dos Santos Simões. Convém sublinhar que nos estamos a referir a conhecimentos de ordem política, o que é distinto de outros dotes como os administrativos. Falta-nos alguns dados «fotográficos» quanto à «veia» política de alguns candidatos, no meadamente a dos dois economistas e do desenhador.

J. F. T.

RALLY DO ALGARVE

(Continuação da pág. 1)

se começou a disputar, o vencedor do Rali do Algarve veio de terras estrangeiras. Em 1973, como estarão recordados, o italiano Alcide Paganelli, em Fiat 124 Spider, havia já inscrito os seus méritos no placard dos campeões. Este ano, a equipa vencedora veio da Alemanha, com Shweizer-Thomas, tripulando um Opel Kadett GTE.

Todavia, e num breve relance pelos acontecimentos iniciais, intermédios e finais, que caracterizaram a prova, há que salientar, como motivo de justo orgulho, que, pilotos de casa também fazem milagres.

Foram algarvios, alguns dos principais animadores da competição, sendo de realçar, a excelente segunda posição na classificação final, de Carlos Fontainhas/Rogério Seromenho, uma dupla que faz valer a sua larga experiência nestas lides, e que fez tudo por tudo para chegar à vitória, mas que suces-

sivos azares acabariam por lhes negar. Isso não impediu que tivessem obtido os melhores tempos em numerosas classificações. Outros nomes em destaque foram os de Inverno Amaral/Joaquim Neto, a fazerem uma excelente prova até Tavira, altura em que graves problemas com o diferencial lhes ditariam o abandono. Abandono, que como dissemos, foi uma constante deste Rali do Algarve, edição de 1979, especialmente fatal para o campeão nacional da época passada Carlos Torres, a quem bastava chegar ao fim para revalidar o título, proeza que não conseguiu concretizar, em favor de José Pedro Borges, que desta maneira se sagrou campeão nacional de 1979.

Registe-se, como comentário triste, a acção anti-desportiva e selvagem, com que alguns energúmenos, uma vez mais, tornaram a agir, colocando pedras na estrada, e apedrejando mesmo alguns concorrentes. Destes, o mais prejudicado foi, sem dúvida, Guilherme Roldão, que acabaria na terceira posição final, apenas a 4 segundos de Fontainhas. Em suma, a prova pode considerar-se dentro da bitola a que nos habituou, com a excelente organização que a malta do Rascal coloca, em todas as suas iniciativas, apenas sendo pena que, dado o desfecho prévio que já tivera o Campeonato da Europa de Ralis, alguns nomes mais sonantes de nível europeu não tivessem estado presentes.

Aqui faltaram sobretudo Kleint, Zanini, mas também alguns pilotos portugueses consagrados, como são Giovanni Salvi, Américo Nunes, António Borges e outros.

Classificação no final da 1.ª Etapa: — 1.º, José Pedro Borges/Rui Bevilacqua (Opel Kadett Gte), 22 m 17 s; 2.º — Inverno Amaral/Joaquim Neto (Ford Escort RS 2000) a 10 s; 3.º — Carlos Fontainhas/Rogério

rio Seromenho (Ford Escort RS) a 24 s; 4.º — Mário Silva/José Nobre (Ford Escort RS 1800) a 33 s; 5.º — Carlos Peres/José Peres (Opel Kadett Gte) a 41 s.

Classificação no final da 2.ª Etapa: — 1.º — Carlos Fontainhas/Rogério Seromenho (Ford Escort RS 2000) 3.05.37; 2.º — Werner Schweizer/Dieter Thomas (Opel Kadett Gte) a 1.00; 3.º — Carlos Torres/Pedro de Almeida (Ford Escort RS 2000) a 2.36; 4.º — Domingos Santos/Luís Pinto de Freitas (Porsche 911 S) a 4.11; 5.º — Guilherme Roldão/António Marcelino (Seat FU 1800) a 4.48.

Classificação Geral Final: — 1.º — Werner Schweizer/Dieter Thomas (Opel Kadett Gte) 7 h. 5 m. 56 s; 2.º — Carlos Fontainhas/Rogério Seromenho (Ford Escort RS 2000) a 16 m. 56 s; 3.º — Guilherme Roldão/António Marcelino (Seat FU 1800) a 17 m.; 4.º — Joaquim Santos/Albino Tristão (Opel Kadett Gte) a 35 m. 58 s.; 5.º — Pedro Cabecadas/José Conde (Ford Escort 1600) a 1 h. 12 m. 16 s.; 6.º — Ojuara/João Reis (Ford Escort RS 2000) a 1 h. 13 m. 19 s.; 7.º — Abel Melo/Augusto Teles (Ford Escort S) a 2 h. 42 m. 53 s.

QUARTEIRATUR

AGÊNCIA IMOBILIÁRIA E TURÍSTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE APARTAMENTOS — MORADIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

(26-17)

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —

R. SERPA PINTO, 1 a 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

COMPRAM-SE

TELHAS USADAS

Lusalite ou Zinco

Contactar com José Alberto Gonçalves, Telef. n.º 65321.

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Telef. 62406 LOULÉ

VENDE-SE

Propriedade no sítio da Costa, com água e electricidade próxima. Ótima para construção de armazéns. Nesta redacção se informa.

A LINDA CONSTITUIÇÃO QUE NOS DERAM

XIV

(Continuação)

Além de ter o direito de abandonar o trabalho que o patrão lhe confiou, pode o proletariado usar da forma que entender, da forma que lhe parecer mais cruel ou mais propícia para asfixiar a entidade patronal sem que a esta seja permitido um ai-ai ou um vagido pela sua asfixia, pela sua enorme dor.

A empresa está próspera, os negócios vão bem e a entidade patronal resolve beneficiar o seu pessoal com mais 10% nos salários, mas logo surge o Sindicato, a C. G. T. P.-Inter, a arengar que o aumento não passa de poeira lançada aos olhos do proletariado, que é a exploração do homem pelo homem, pois o patrão ganha 20 e quer dar ao trabalhador somente 10, que é metade do que produz aquele, que foi quem o ganhou com o seu trabalho.

Esses 20 ganhos pelos trabalhadores, devem ser totalmente entregues a quem os ganhou. De princípio muitos trabalhadores terão ficado abalados, confusos, pois se é verdade que o trabalho foi deles também é verdade que a empresa terá de receber o seu quinhão para pagar salários e outras despesas.

«Mas também, metade para a empresa, é demais, é não respeitar a proporcionalidade do justo. Mas qual é a proporção justa?»

Perante esta vacilação surge a voz da Inter a exprobar a atitude vacilante do fraco proletário que parece não ser homem, que se subordina à vontade do patrão explorador.

Para não passar por covarde, o trabalhador exige os 20 que o patrão não pode dar sem cair na insolvência e na ruína, mas oferece 15%, percentagem que não dando lucro pode aguentar a empresa por mais algum tempo.

Mas nesta altura já o trabalhador é o proletário duro que, espiado pela Inter, vê no patrão não somente o explorador do homem pelo homem, o seu explorador, que podendo dar 15 lhe oferecia 10 e como uma esmola. Não; ele, trabalhador honrado, não aceita os 15 e exige 20.

Nesta altura a entidade patronal sente que para viver não pode dar todo o lucro e recusa. Perante tal recusa o proletariado faz greve de duas horas para pressionar o patrão. O patrão geme mas ainda reage, e no dia seguinte o proletariado aplica-lhe greve de 4 horas de agura.

Ainda desta vez o patrão não cede, razão porque os proletários reúnem para estudar novas formas de luta.

Estudadas novas formas de luta, os proletários enviam à entidade patronal um ultimatum proclamando a greve por 15 dias se esta não aceder às suas exigências.

A cedência será a morte, mas o patrão quer evitar esta a todo o custo e cede.

Grande vitória dos trabalhadores orientados pela Inter que o P. C. orienta por sua vez.

Um mês depois a empresa não pode pagar por inteiro o salário aos seus empregados.

No mês a seguir já nem metade dos salários pôde a empresa pagar aos seus trabalhadores. E foi neste momento que a C. G. T. P. (inter), guiada pelo P. C., entrou a fundo na questão, exigindo a inviabilização da empresa, devendo esta passar a ser administrada pelo Estado.

Surge assim a gestão oficial, sendo grossa quantia para viabilizar a Empresa.

Ao fim de um ano de gestão dos gestores pécipistas, a empresa deve 10 vezes mais do que devia quando era dirigida pelos seus proprietários.

É nesta altura que grande parte dos trabalhadores da empresa, que há dois meses não recebem salários, se lembra do antigo patrão e pede o seu regresso à gerência da mesma.

Contra este pedido ergue-se o grupo dos gestores pécipistas e delegados sindicais que, arrotando cheirume de mariscos, declaram que a empresa tem viabilidade desde que receba do Estado subsídio adequado.

E assim morre a empresa, liquida-se o patrão, o Estado perde milhares de contos e os trabalhadores desempregados lutam para que o Poder Público não os esqueça... enquanto os camaradas gestores e delegados sindicais vão pregar a outra freguesia da Inter, benzida pelo P. C.; vão estragar outras empresas.

Tudo isto é possível e frequente, e ordenado pela Linda Constituição que nos deram. Isto é o paraíso do P. C., e para onde Mário Soares pretende arrastar os portugueses.

Não esqueçamos que este — Mário Soares — foi, com Cunha, o grande paladino das conquistas irreversíveis, e que dizia que o comércio e indústria não eram afectados pelas práticas constitucionais, abalando-se, por isto, a ir ao Brasil convidar os foragidos industriais portugueses que regressassem a Portugal onde poderiam, sem perigo, continuar a investir os seus capitais...

Claro que esses industriais não foram no bote de Mário Soares ou porque puzessem em dúvida a honestidade das suas intenções ou porque não atribuísem valor à sua capacidade de apreciação do que estava a passar-se no nosso país: e não voltaram.

De qualquer forma o chefe do partido socialista fica com uma péssima imagem do seu carácter ou da sua capacidade de dirigente político, sem salvação possível, já que, se é honesto peca por impercepção intelectual ou, se tem esta capacidade, peca por falta de honestidade.

Na verdade, o futuro visível desses empresários, em Portugal, seria o de verem as suas empresas controladas por comissões de trabalhadores, nos termos do artigo 56.º da Constituição, as quais interviriam na vida delas com plênários constantes destinados a mobilizar aqueles «para o processo revolucionário de construção do poder democrático dos trabalhadores» conforme é seu direito nos termos do artigo 55.º da mesma Constituição.

Destes plênários constantes para a construção do poder dos trabalhadores se ocupa o proletariado através do processo revolucionário que lhes rouba o tempo de trabalho que o mesmo proletariado abomina.

Como pode, nestas circunstâncias, haver progresso nas empresas?

E como seria possível Mário Soares admitir que os empresários regressassem a este inferno em chamas?

Que futuro lhes prometeria?

Sim, se eles fossem ingénuos para aceitar as suas propostas, que lhes ofereceria Mário Soares?

Garantia-lhes o incumprimento dos preceitos constitucionais? Como o poderia fazer?

A impossibilidade de o fazer não entibiava Mário Soares na audácia das suas promessas como não se entibiou quando garantia aos portugueses do ultramar que nada tinham a temer com a inde-

(continua na pag. 7)

TRANSPORTES ESCOLARES

O Conselho de Ministros do passado dia 26 de Outubro atribuiu, como reforço de dotação do Instituto de Acção Escolar, a verba de 251 contos, destinada a assegurar o subsídio dos transportes escolares.

Em consequência deste reforço, para os alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória (até ao segundo ano do Ensino Preparatório) os transportes serão gratuitos, dando-se deste modo um significativo passo para a efectivação do ensino obrigatório em todo o País.

Por outro lado, os alunos que frequentam o Ensino Secundário dispendirão, no máximo, trezentos e cinquenta escudos mensais em transportes para as escolas.

AMENDOEIRAS

Prontas a plantar. Vende: Eduardo Lisboa Correia — Patã - Boliqueime, Tel. 66104.

Ao Divino Espírito Santo

E SÃO JUDAS TADEU.

Agradeço graças recebidas.

M. G.

NOTÍCIAS PESSOAIS

FALECIMENTO

Por ter ingerido pesticida, faleceu, no passado dia 3 do corrente, em casa de sua residência, no sítio das Pereiras (Quatro Estradas), o nosso prezado amigo sr. Acácio Manuel Rocheta Leal, solteiro, de 33 anos de idade e que, conjuntamente com seus pais, trabalhava na agricultura, onde desenvolvia intensa actividade no sector da horticultura.

O saudoso extinto era filho do nosso amigo sr. Ricardo Bárbara Leal, proprietário no sítio das Pereiras e da sr.ª D. Irene Fernandes Rocheta e sobrinho dos srs. José Manuel Fernandes Rocheta, José Bárbara Leal e da sr.ª D. Maria Leal Bárbara.

À família enlutada endereçamos sentidas condolências.

NASCIMENTO

Na Clínica de S. Miguel, em Lisboa, teve o seu bom sucesso no passado dia 19 de Outubro, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria de Fátima Madeira Laginha Louro, casada com o sr. Eng.º Sezinando Gago de Brito Louro.

São avós maternos o sr. Manuel Filipe Laginha, nosso prezado amigo e dedicado assinante e a sr.ª D. Maria José Pinto Madeira e avós paternos o sr. Manuel de Brito Louro e da sr.ª D. Sabina Custódio Louro (falecida).

Ao recém-nascido foi dado o nome de Tiago Manuel.

Os nossos parabéns aos felizes

pais e avós, com votos de futuro ridente para o recém nascido.

PARTIDAS E CHEGADAS

Após prolongada estadia na Austrália, regressou definitivamente a Portugal o nosso dedicado assinante sr. Agostinho Cavaco Rocheta, sua esposa sr.ª D. Maria da Glória Leal Rocheta e filhos Paulo Leal e Luís Filipe Leal Rocheta.

VENDE-SE

Uma horta no sítio do Semino - Quarteira, com aproximadamente 7.000 m2, com água, 500 laranjeiras e 50 pessegueiros.

Tratar com Joaquim Angelo Guerreiro ou Gualdino Olival Guerreiro — Escanxinas — Almansil.

(5-3)

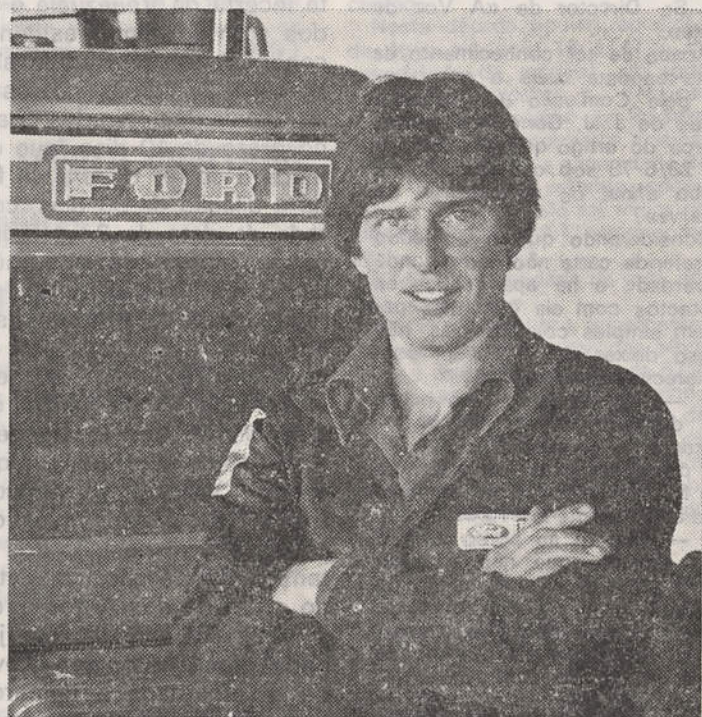
VAI A LISBOA?

Visite e hospede-se no Hotel Lis, o mais central de Lisboa. Óptimas instalações, o melhor preço e ambiente familiar.

Situado na Av. da Liberdade, 180 — Telefones 537771 e 563434.

(8-3)

Em 1978 a Ford produziu mais de 85.000 Tractores e criou 17.305 técnicos.



Não basta ser apenas um dos maiores fabricantes de tractores do Mundo. É necessário que o produto esteja apoiado em bons técnicos, na especialização e eficiência dos concessionários.

A Ford possui, na Europa, dez centros de treino especiais, onde são ministrados cursos de serviço e vendas a toda a organização de tractores Ford.

Só em 1978, 17.305 especialistas aumentaram os seus níveis de conhecimentos teóricos e práticos sobre tractores, em cursos que somaram 254.642 horas de treino intensivo.

Veja a linha de tractores Ford em 1979 no concessionário da sua área. E verifique Você próprio a satisfação que é negociar com profissionais competentes especializados pela Ford.

TRACTORES FORD. UMA EQUIPA DE TRABALHADORES INCANSÁVEIS.
...COM MAIS DE 60 ANOS DE EXPERIÊNCIA.

FOMENTO INDUSTRIAL
E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Largo de S. Luís - Telef. 23061/4
8000 FARO



Quem rouba afinal os agricultores algarvios?

(continuação da pág. 1)
te Primo de Sousa Pereira, é um irresponsável e não devia ter acesso a este jornal, pois devia ficar muito caladinho e não fazer ondas, porque essa coisa de ódio, injúria, calúnia e provocação, é característica dos reaccionários...
...Porque isso de se ser honesto, íntegro, bom, correcto, digno, justo, probo, recatado, recto, virtuoso, decente, comedido e competente é um privilégio dos trabalhadores.

E daí a razão porque a Comissão de Trabalhadores de J. J. Gonçalves se sentiu melindrada com a carta do sr. Pereira, pois esta denuncia irregularidades que não convém sejam divulgadas.

Um jornal que se preza ser verdadeiro e independente não precisa de aproveitar-se que qualquer lei que lhe seja favorável para evitar esclarecimentos de quem quer que seja.

E daí a razão porque abaixo publicamos, na íntegra, a carta que nos foi enviada pela referida Comissão, até porque desta forma os agricultores lesados ficam esclarecidos acerca da «boa fé» dos novos gestores de J. J. Gonçalves.

Eis a carta:
«Lisboa, 12 de Outubro, 1979.
Ex.mo Senhor
Director do Jornal «A Voz de Loulé» — LOULÉ.

Em referência ao artigo publicado neste jornal em 28/6/79, sob o título «QUEM ROUBA AFINAL OS AGRICULTORES DO ALGARVE?», e por considerarmos graves as afirmações nele contidas, gostaríamos de ver publicada nesse semanário a resposta que julgamos necessária e que se impõe para esclarecimento dos vossos leitores.

1.º — A Empresa J. J. Gonçalves nunca esteve intervencionada.

2.º — A Administração de J. J. Gonçalves sempre foi a mesma e não foi saneada como se afirma no citado artigo.

3.º — O actual Director da Divisão de Máquinas Agrícolas, desempenhava as funções de Adjunto-Directão em 25 de Abril de 1974.

4.º — A falência da firma J. A. I. de Andrade não foi obra da Comissão de Trabalhadores de J. J. Gonçalves, porque as Comissões de Trabalhadores não têm por função fazer falir empresas mas tão somente defender os interesses de quem trabalha.

5.º — Os trabalhadores de J. J. Gonçalves desconhecem as razões que levaram o sr. J. A. I. de Andrade a abandonar a sua firma, numa altura em que a dívida para com esta empresa atingia já a ordem dos milhares de contos.

6.º — Os trabalhadores de J. J. Gonçalves não provocaram o seu próprio desemprego, na medida em que continuam a trabalhar nesta empresa, apesar de todas as dificuldades por que têm passado, certamente agravadas com situações iguais à que o sr. J. A. I. de Andrade nos deixou como herança, e depois porque a sua luta tem sido sempre e em todas as circunstâncias orientada para a salvaguarda dos seus postos de trabalho.

7.º — Não duvidamos da gravidade dos problemas criados aos agricultores que confiaram no sr. J. A. I. de Andrade, mas duma coisa temos nós a certeza, que podemos comprovar: é que esse senhor não regularizou a dívida que contraíu para com esta empresa, quer tenha ou não recebido o dinheiro dos seus clientes, e que os agricultores que foram injustamente prejudicados poderão reconhecer através da apresentação dos documentos que provem as liquidações que efectuaram. Queremos, no entanto, deixar bem claro que é à Administração de J. J. Gonçalves que caberá uma efectiva resposta a estas questões, o que, estamos certos, não deixará de fazer.

8.º — Finalmente, não quere-

mos deixar de dizer ao autor de tão «brilhante» artigo que ao fazer afirmações dessa natureza, ou está mal informado ou pretende confundir e caluniar com objectivos duvidosos e pouco claros.

Conhecedor, certamente da Lei, parece estranho que venha agora para um jornal despejar mentiras e falsidades, a menos que, propositadamente, pretenda iludir os agricultores que, desprevenidos e na boa fé, possam aceitar as suas obscuras intenções.

A conclusão que teremos que tirar não pode, pois, ser senão esta:

Ou o sr. Primo Sousa Pereira é um irresponsável e não deveria, portanto, ter acesso a esse jornal ou então não passa de mais um qualquer tacanho reaccionário que não consegue disfarçar o ódio que tem a quem trabalha sem recorrer à injúria, à calúnia e à provocação.

Mas o tempo em que mandar areia para os olhos do povo, sem medo da denúncia, era o pão nosso de cada dia, já lá vai, e por muito que custe a muita gente, não vai voltar.

É que depois do 25 de Abril de 1974, tem sido mais fácil aos trabalhadores apenecerem-se de quem quer enriquecer rapidamente sem olhar a meios e quem quer trabalhar com honestidade.

Na impossibilidade de exigirmos, ao abrigo da Lei de Imprensa, a publicação desta resposta, pois só agora nos chegou às mãos o exemplar de tão «verdadeiro» e «independente» semanário, informamos que nos reservamos o direito de enviá-la aos órgãos de informação que entendermos por conveniente.

A Comissão de Trabalhadores do Grupo J. J. Gonçalves (Lisboa)

Podíamos ter publicado esta carta e aguardar a resposta do sr. Pereira, mas entendemos que o assunto perdia muito interesse sendo espagado no tempo e por isso preferimos esperar mais alguns dias até que o visado se documentasse e desse a merecida resposta, baseada em argumentos válidos e documentos fidedignos.

É o que fazemos hoje, juntando as 2 opiniões discordantes.

«Bolíqueime, 27 de Outubro de 1979.

...Sr. Director de «A Voz de Loulé».

Acabo de ter conhecimento da carta-resposta dada a esse jornal pela Comissão de Trabalhadores de J. J. Gonçalves, Sucrs, acerca do artigo que aí publiquei em 28/6/79 sob o título: «Quem rouba afinal os agricultores do Algarve?»

Considerando que o conteúdo da referida carta não corresponde à verdade e há apenas ligeiros contactos com ela que mais parecem simples coincidências, não posso deixar de responder para esclarecer factos ocorridos.

1.º — Assim, quanto ao ponto um dispense-me de responder, deixando à consideração do leitor, pois trata-se de um problema que foi muito focado pela imprensa diária durante o PREC.

2.º — Quanto ao ponto dois, é bom salientar que não é totalmente verdadeira a afirmação da Comissão de Trabalhadores de J. J. Gonçalves de que o pessoal da Administração é o mesmo de antes do 25 de Abril de 1974. Faltou dizer que fizeram fugir da anterior Administração as pessoas honestas, ficando nela apenas os «intelectuais revolucionários».

3.º — É verdade que o actual Director da Divisão de Máquinas Agrícolas era adjunto da mesma antes do 25 de Abril de 1974 mas já nessa altura esse senhor não só criou graves problemas aos clientes como à própria firma que representava, deixando muito a desejar.

4.º — Quanto à falência da firma de Faro João A. I. Andrade, não se poderia esperar outra coi-

sa pois que esta era apenas uma agente da J. J. Gonçalves, Sucrs. e não podia alargar o seu comércio para além do que estava estipulado por contrato entre as duas firmas. A falência era inevitável uma vez que a empresa-mãe não lhe fornecia quaisquer materiais para venda.

Pagando despesas com pessoal e outros encargos, sem nada vender, não podia manter-se.

Os trabalhadores de J. J. Gonçalves (e milhares de outros) foram mentalizados de que era preciso afundar as empresas para tomarem o poder, mas não tiveram capacidade intelectual suficiente para discernir de que, a breve prazo, eram eles os mais prejudicados com o desemprego que os esperava. Que o digam os que tiveram que abandonar J. J. Gonçalves.

De resto, se o objectivo das comissões de trabalhadores não

(continua na pág. 5)

A Voz de Loulé, n.º 752, 15-11-79

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé, nos autos de acção especial de demarcação com o n.º 10/79, que correm termos pela 1.ª secção, em que são Autores Manuel da Palma Correia e mulher Bernarda Correia Guerreiro, residentes em Vale de Éguas, freguesia de Almancil, concelho de Loulé e Ré Maria Rosa Murta, viúva, residente no mesmo sítio, com incidente de intervenção principal deduzido a fls. 22, de MARIA CESALTINA MURTA FELICIANO, viúva, doméstica, CÉLIA MARIA DE SOUSA FELICIANO e JOSÉ FILIPE MURTA FELICIANO e mulher DINA MARIA CORREIA GUILHERME, trabalhadores, actualmente ausentes em parte incerta da Venezuela e todos com a última residência conhecida no já aludido sítio de Vale de Éguas, são estes intervenientes citados para, no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada a data da 2.ª e última publicação do presente anúncio, virem à acção na qual foi requerida pelos Autores a sua intervenção como partes principais, apresentar os seus articulados ou fazerem a declaração de que fazem seus os articulados da parte a que devem associar-se, encontrando-se os respectivos duplicados, à disposição dos citados, na secção, consistindo o pedido dos Autores, em síntese, em a acção ser julgada procedente, por provada, e efectuada a demarcação entre o prédio dos Autores e o da Ré e intervenientes principais, nos termos propostos por aqueles e estes serem condenados a respeitar essa demarcação.

Loulé, 23 de Outubro de 1979.

O Juiz de Direito,

Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,

João do Carmo Semedo

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º Cartório

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro n.º A-111, de notas para escrituras diversas, de fls. 17 a 19, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual Rodrigo de Sousa Cavaco, e mulher, Maria Odete Santana Rodrigues, residentes em Lúdenscheid, Alemanha Federal, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte prédio:

urbano, constituído por uma morada de casas térreas, com cinco divisões destinadas a habitação, e quintal, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando do nascente com Eduardo Caetano Gaibeu, do norte e sul com caminho e do poente com Joaquim de Sousa Pires, omisso na Conservatória do Registo Predial deste concelho e inscrito na respectiva matriz predial, em nome do justificante varão sob o artigo número mil cento e vinte e oito, com o valor matricial de seis mil quatrocentos e oitenta escudos e a que atribuem o de cinquenta mil escudos;

Que este prédio pertence aos justificantes, por ter sido adquirido pela justificante mulher, agindo como administradora dos bens do seu casal na ausência do marido, pelo preço de cinquenta mil

escudos, a Maria da Conceição Matias Rafael e marido, Fernando Pacheco Rocha, por escritura de trinta e um de Outubro de mil novecentos e sessenta e nove, lavrada a folhas seis, do livro número B - quarenta e um, de notas para escrituras diversas, deste Cartório;

Que atendendo ao disposto no artigo treze, número um do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para registo; — a verdade, porém, é que os transmitentes, os aludidos Maria da Conceição Matias Rafael e marido, eram por sua vez donos e legítimos possuidores também com exclusão de outrém, do prédio supra descrito e então vendido, porquanto,

o mesmo lhes havia sido adjudicado e ficado a pertencer, em pagamento do quinhão hereditário da mulher, na partilha dos bens da herança aberta por óbito de seus pais, José Tomás Rafael e mulher, Maria da Conceição Matias, casados segundo o regime da comunhão geral de bens e que foram residentes no aludido sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, efectuada entre todos os seus herdeiros e interessados, em data imprecisa mas que sabe ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública; — sendo também certo,

Que desde aquela data, portanto há mais de trinta anos sempre o prédio supra descrito tem vindo a ser possuído inicialmente pelos transmitentes Maria da Conceição Matias Rafael e marido, e posteriormente à transmissão titulada pela citada escritura de trinta e um de Outubro de mil novecentos e sessenta e nove, pelos justificantes, em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo assim a referida posse pacífica, contínua e pública, pelo que também o adquiriram por usucapião;

Que em face do exposto não têm os justificantes, possibilidade de comprovar a aquisição do prédio supra descrito, pelos transmitentes, os aludidos Maria da Conceição Matias Rafael e marido, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 8 de Novembro de 1979.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

VENDEM-SE

Apartamentos de 3 assoalhadas em Faro, bem situados. Trata Manuel Bota Filipe Viegas, Telef. 94115 — Vale d'Éguas — Almancil — 8100 LOULÉ.

LOULÉ



MARIA MADALENA PORTELA BEXIGA

AGRADECIMENTO

Sua mãe e restante família, agradecem a todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todas aquelas que a acompanharam à sua última morada, numa derradeira expressão de pesar que calou fundo nos nossos corações. Para todos o penhor da nossa gratidão.

Muita gente mudou desde 1974

Um artigo de
JOSE MANUEL MENDES

Historicamente, o esquema repete-se em todo o lado. Primeiro a Revolução, os tempos em que tudo são rosas, as promessas fáceis, as ilusões e os sonhos de que tudo é possível de se fazer e se modificar.

Não é difícil fazer embarcar todo um Povo virgem de experiências, falho de conhecimentos e aprendizagem política, no vendaval da demagogia e da irresponsabilidade. E o Povo vai. E o Povo foi. Foi assim em 1974. Continuou assim em 1975. Com a mesma facilidade com que no «antigamente» engrossava manifestações de apoio às autoridades de então, para depois engrossar indênticas manifestações, agora de desagravo pelo «regime fascista». Não que o fizesse por maldade, por pré-determinação, por consciência concebida e assumida. Mas porque as massas populares são generosas, ingênuas até, e porque em 25 de Abril de 1974, quase todos os milhões de Portugueses, acreditámos e pensámos seriamente, muito seriamente, que se podia construir um Portugal melhor, que se estava a caminhar para a diminuição das injustiças sociais, da pobreza e da miséria de largos estratos populacionais. Eram muitos milhões em euforia, ninguém poderia negá-lo, e todos sabem como as multidões são cegas. Como é fácil arregimentá-las, manipulá-las, dirigí-las pelo abstraccionismo mental das palavras de ordem, pelo mecanismo surrealista das grandes manifestações, um puxa outro e todos puxam todos, e aí estavam com a maior naturalidade do mundo, as greves os assaltos, as usurpações, os saneamentos. Que nem todos os que acreditaram no 25 de Abril tiveram participação activa nestas alterações, mas passou-se tudo isto com as classes operárias, agrícolas, com a própria burguesia, condescendente, abdicada quase totalmente à sua cobardia, mas sobretudo, isto passou-se com a juventude deste País, «levada» e «mentalizada» ignobilmente, aproveitada e explorada ao máximo nas suas potencialidades de generosidade, como de irreflexão, que caracterizam qualquer jovem, na idade em que tudo é possível, em que não há obstáculos que lhe tolham o caminho, conselhos que lhe avalizem a prudência, realidades que lhe esfriem o sangue novo e quente que lhe golpeja as gúelras.

E como não haveria de passar-se isto com a juventude, quando, desde a escola primária, até às cátedras da Universidade, o tema único, dominante, a única verdade universal e aglutinadora, passou a ser o marxismo, espécie de novo catecismo religioso, obrigatório, sem o qual não era possível vencer nos estudos, sequer ter participação

activa na escola onde se andava, até, se tornava uma espécie de exigência para o direito de se ser e se existir?

A distância de 5 anos, tudo isto poderá parecer ridículo e incrível. Mas a verdade é que aconteceu, e não adianta voltar atrás, ou chorar por leite derramado.

O que interessa, é que, se em 1974 quase todos os milhões de habitantes deste rectângulo peninsular embarcaram na história das revoluções, já em 1975, alguns deles recuaram, espantados pela brutalidade e violência do processo, repugnados pelo aproveitamento oportunista de certa classe de políticos profissionais, que não olharam a meios, em tudo quanto exigisse a mais descarada manipulação da população.

Se o 25 de Novembro veio colocar um pouco ordem na consolidação das «conquistas da revolução», a verdade é que grande parte do nosso Povo já não estava da lado da Revolução. De 1976 para cá, muito mais gente mudou, desenganando-se, não por oportunismo ou simples virar de casacas, mas pelo verificar progressivo de que ao comunismo e ao socialismo, só serve e só interessa a miséria generalizada, a proletarianização da população, o enraizar do ódio classista. Porque, só assim, no constante agravar das tensões sociais e do nível de vida, o comunismo e o socialismo encontram campo propício para a sua implantação. Tudo isto, bem patente nos países desenvolvidos e progressivos do Ocidente, onde o bem estar de cada um, e a satisfação dos direitos de cada ser humano, venha ele de que proveniência vier, e exerça ele a actividade que exercer, é uma constante e um hábito de vida. Países onde os defensores de tais doutrinas estão reduzidas à insignificância.

E por esta e por outras razões que, em Portugal, desde 1974 ou 1975, muitos milhões de pessoas mudaram, e, para as quais, sem revanchismos, sem rótulos, sem julgamentos fáceis de opinião dita pública, há que escancarar-lhes de par a par, as portas da democracia, e recebê-los de braços abertos, para, finalmente reencontrados, o Povo com o Povo, de braços dados e fortes na determinação de levantar de novo Portugal, cada um possa colocar as potencialidades de que dispõe, e a vontade de construir que o traz determinado, ao serviço da causa comum.

As portas da democracia, terão necessariamente que estar abertas, e Portugal não é, nem deverá ser, um País de vencedores e vencidos, de antes e depois disto ou daquilo, mas o País de todos nós, os que acreditamos no trabalho, na honestidade, na justiça e no progresso, condições e objectivos, sem os quais, nem vale a pena pensar em chegar a qualquer lado que seja.

José Manuel Mendes

Quem rouba afinal os agricultores algarvios?

(continuação da pág. 4)

fosse afundar as empresas, a sua intervenção era desnecessária porque: 1.º, só o facto de existirem já é revelador de que os empresários tiveram capacidade criadora para as desenvolver. 2.º, porque os poderes paralelos só servem para descontrolar qualquer organização e 3.º, porque sendo bons, activos, empreendedores, desembaraçados, eficientes, eficazes, inteligentes, vigorosos, expeditos, enérgicos, laboriosos, lesto, espertos, e autenticamente trabalhadores como aliás se auto-intitulam, os verdadeiros trabalhadores não precisavam de roubar as empresas: criavam-nas e desenvolviam-nas, revelando assim a sua extraordinária capacidade de organização e de trabalho dinamizador.

Agora, roubando o que foi feito por outros, ao longo de tantos anos, ora bolas, assim também nós seríamos ricos... de um dia para o outro.

Quer isto dizer que as Comissões de Trabalhadores foram criadas exactamente para afundar as empresas, embora com a capa de defender os interesses dos trabalhadores.

Esta verdade é tão evidente e foi tão claramente vista que nem vale a pena citar exemplos.

Até porque o objectivo era afundar as empresas em particular e o País em geral.

5.º — O sr. João A. I. Andrade não abandonou a sua firma como quer fazer crer a comissão de trabalhadores de J. J. Gonçalves, Sucrs. Ausentou-se, sim, para o estrangeiro, durante certo período de tempo, tendo tido o cuidado de escolher entre os seus empregados, um a quem dotou com procuração notarial, dan-

do-lhe plenos poderes, para gerir o melhor possível a firma durante a sua ausência.

6.º — Os trabalhadores de J. J. Gonçalves não pensaram que ao tomarem a atitude que tiveram, iriam provocar o seu próprio desemprego, mas o resultado está à vista e grande número deles já lá não se encontra.

7.º — A gravidade dos problemas aos agricultores não foram criadas pelo sr. João A. I. Andrade mas sim pela comissão de trabalhadores de J. J. Gonçalves, Sucrs. ao não devolver as letras que lhe foram pagas pelo próprio agente João A. I. Andrade com o dinheiro que os clientes pagaram em sucessivas reformas, tendo agora o descaramento de apresentar em Tribunal as letras que ficaram retidas e alegando que estão em dívida.

8.º — Finalmente não posso deixar de perguntar à comissão de trabalhadores de J. J. Gonçalves, Sucrs., quem são os trabalhadores que defende, alcunhando-me de tacanho reacccionário.

Diz-me-ei que sou tão reacccionário que «passeio» 17, 18 e mais horas por dia em cima de um tractor de lavoura.

E tão reacccionário que nos dias quentes de Verão passeava 14 ou 15 e mais horas por dia, incluindo feriados e domingos em cima de uma ceifeira debulhadora maquiada com o célebre pó natural das searas secas e suor do trabalho a pontos de em certas alturas aparecer apenas olhos e dentes.

Sou tão reacccionário que não tenho horas de descanso para fazer chegar aos mercados, as hortaliças, as frutas, e outros produtos hortícolas que vão alimentar muitas pessoas honestas, mas que nem por isso, deixam tam-

bém de servir à mesa de tantos parasitas como os que desta vez responderam ao meu esorito.

Sou tão reacccionário que não quero voluntariamente pagar duas ou mais vezes a mesma dívida preparada pelas vigarices de incompetentes.

Muito mais teria para dizer senhor Director e senhores leitores de «A Voz de Loulé» mas irei limitar-me para não ocupar mais espaço e tempo ao vosso jornal e não cansar mais os leitores.

Irei finalizar enviando-lhe fotocópias de 3 cartas para serem reproduzidas.

A primeira é do advogado da Comissão de trabalhadores de J. J. Gonçalves e é dirigida a um cliente afectado e mostra como a referida Comissão elaborou o processo, mentindo pela boca do seu advogado, onde diz que João A. I. Andrade não é nem nunca foi agente da J. J. Gonçalves Sucrs.

«Relativamente ao assunto nela versado, cumpre-me informar a M/ Constituinte, J. J. Gonçalves, Sucrs., reafirma nada ter recebido para pagamento das letras do v/ aceite, que ascendem a Esc. 55 875\$00. Mais informa a M/ Constituinte, que desconhece os pagamentos que V. Ex.º diz ter feito ao sacador João A. I. Andrade, que não é, nem nunca foi agente da M/ Constituinte».

A segunda tem a data de 13 de Outubro de 1971 muito mais antiga portanto e onde o verdadeiro J. J. Gonçalves Sucrs. não só afirma que João A. I. Andrade é seu agente, como mostra não querer receber directamente do cliente o dinheiro de negócios, efectuados e manda pagá-lo ao seu agente.

«Como tivemos ocasião de dizer, aguardamos unicamente que nos informe da data em que V. Ex.º pode colocar a Ceifeira Debulhadora à disposição do nosso Agente de Faro, Firma João A. I. Andrade, a fim de enviarmos um Técnico Responsável o qual procederá às reparações que forem consideradas necessárias ao bom funcionamento da máquina».

«Julgamos dar assim satisfação ao solicitado, e informamos que esperamos que a regularização do seu aceite tenha sido feita, ou seja imediatamente efectuada por intermédio do nosso Agente Sr. João A. I. Andrade».

A terceira tem a data de 9 de Dezembro de 1971 reconhece igualmente o sr. João A. I. Andrade como seu agente, mas vai muito mais longe, ao dizer que decisão nenhuma será tomada (isto para o Algarve) sem ouvir o parecer do mesmo agente.

«Em aditamento à sua carta de 20 de Novembro p. p., informamos que vamos entrar em contacto com o nosso Agente de Faro, Firma João A. I. Andrade, pedindo o parecer do mesmo sobre a decisão de V. Ex.º».

Desde já informamos que achamos tardia a decisão de V. Ex.º, de devolver a máquina, depois de a utilizar durante uma campanha. No entanto não tomaremos qualquer decisão até ouvir o parecer do nosso Agente».

Outros documentos possuímos que aclaram a verdade, mas que são demasiado extensos para serem agora publicados.

É de notar que tanto a segunda como a terceira cartas aqui reproduzidas por fotocópias estão assinadas pelo senhor eng.º Bobone a mesma pessoa que hoje nega a realidade dos factos encontrando-se à frente da referida Comissão de Trabalhadores e exige duplo pagamento de dívidas que em grande parte não existem e as que existem são da sua própria responsabilidade.

Sem mais por hoje os meus respeitosos cumprimentos.

Primo de Sousa Pereira

INFLUÊNCIA DO TEMPO NAS CULTURAS

Considerando as culturas outono-invernais («temperatura-base» de 5º C), verifica-se que o seu estado de desenvolvimento teórico é o seguinte: não há atrasos nem avanços significativos.

Quanto ao conteúdo de água no solo, varia de 76 a 100% da capacidade de campo, com os valores mais baixos (76 a 80%)

Um seguro oportuno assegura tranquilidade

Maria Valentina da Ponte Alves Guerreiro (Tita) informa o Ex.º Público que foi nomeada representante das Agências de Seguros Ourique e Previdente, função anteriormente desempenhada por seu falecido marido Deodato Tomé Guerreiro.

Escolha uma boa oportunidade de fazer um bom seguro.

Peça mais informações pelo telef. 62397 ou na Rua da Carreira, n.º 159 - 2.º Dt.º — LOULÉ.

VOTAR É UM DEVER A QUE TODO O CIDADÃO NÃO DEVE

FURTAR-SE

41.º CONGRESSO

NACIONAL DA PHILIPS

No princípio do próximo ano, Portugal vai começar a produzir aparelhos de televisão a cores. A iniciativa pertence à Philips Portuguesa, empresa que para o efeito vai investir 50 mil contos na sua fábrica de video instalada em Ovar.

Esta revelação foi feita no final do 41.º Congresso Nacional Philips que decorreu no Hotel Montechoro, em Albufeira.

BARCOS DE ALUGUER

Vendem-se 11, do tipo gôndola, com 2 épocas de uso nas praias de Quarteira, e respectiva concessão. Telefone 65865 — VILAMOURA (horas de expediente).

PRIMEIRA JORNADA LUSO-BRASILEIRA das Santas Casas da Misericórdia

Como tem sido divulgado em diversos órgãos da comunicação social, realizou-se na cidade de Lisboa, na passada semana, a 1.ª Jornada Luso-Brasileira das Santas Casas da Misericórdia organizada em estreita e cordial harmonia entre as respectivas instituições do Brasil e Portugal, com a colaboração prestante e valiosa das mais altas autoridades dos dois países, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e da União das Misericórdias Portuguesas.

O encontro foi iniciado, na Sé Patriarcal, com uma Missa concelebrada pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa e Sacerdotes presentes à qual se seguiu uma romagem na antística Igreja da Madre de Deus, ao túmulo da Rainha D. Leonor, fundadora da primeira Misericórdia Portuguesa, que foi a de Lisboa.

No dia seguinte, realizou-se a sessão inaugural da Jornada, na majestosa Igreja de S. Roque, sob a presidência do Ministro dos Assuntos Sociais, que representava o Presidente da República Portuguesa, e com a assistência do Embaixador do Brasil, que também representava o Presidente da República Federal do Brasil, do Cardeal Patriarca de Lisboa, do Secretário de Estado da Segurança Social, da Dr.ª Manuela Ramalho Eanes e de nume-

rosas e distintas autoridades eclesiásticas, civis e militares.

Durante as sessões de trabalho, em que participaram várias centenas de representantes das Misericórdias de Portugal e Brasil, foram proferidos notáveis trabalhos por um eminente Bispo e por distintos professores, historiadores, advogados, médicos e publicistas, sobre as origens, vida e problemas das Misericórdias do Brasil e de Portugal e apontadas vias de orientação e de actuação futuras para tais instituições, tudo de harmonia com os objectivos gerais da Jornada que além de homenagear a memória da Rai-

nha D. Leonor e o principal colaborador e a Misericórdia de Lisboa, como «Casa Mater» de todas as outras Misericórdias, eram os de estreitar os laços de fraternidade e de permanente união e de eficaz intercâmbio entre as Santas Casas do Brasil e Portugal, com troca de experiências nos campos administrativos e científicos.

SINES

Cada dia de atraso no desenvolvimento do projecto de Sines «origina o prejuízo de algumas dezenas de milhões de contos. Cada mês de atraso é da ordem do milhão de contos» afirma-se num documento entregue aos jornalistas durante um encontro promovido pelo director do GAS, eng.º Carlos Beumont. Subordinado ao tema «O que é (e o que não é) Sines» salienta-se ainda no mesmo «dossier» que «todos os estudos e reavaliações parciais e desenhados, têm provocado indecisões e atrasos que se traduzem por perda de receitas e, sobretudo, por encargos adicionais...».

Considerando Sines como «um instrumento da política industrial que não pode ser apenas aferido isoladamente, segundo critérios simplistas de rentabilidade pontual», escreve-se no documento distribuído, que «a nossa indústria, em globo, é que será mais ou menos inserida numa época de economias de escala, de especialização de plataformas industriais, de economias de transporte, etc., conforme Sines se desenvolver, adequadamente ou não».

PROGRAMA

DA RÁDIO RENASCENÇA para a Europa Central

Desde 1 de Novembro e antecipando a entrada em funcionamento dos novos emissores, a Rádio Renascença passou a transmitir, diariamente e durante um cento período experimental, através da Rádio Mediterrâneo, em onda curta, na banda dos 31 metros, frequência de 9670 kHz, um programa de meia hora, em português, destinado aos nossos emigrantes fixados nos países da Europa Central (das 16 às 16.30 horas — hora local em França e na Alemanha).

Este novo programa, possibilitará aos nossos emigrantes um melhor contacto com as realidades portuguesas. Está, pois, de parabéns a R. R. por mais esta vitória alcançada para o seu programa de expansão.

Dr.ª Irene S. Batista

Como participante do I Congresso de Psiquiatria do Adolescente, deslocou-se à Figueira da Foz a sr.ª Dr.ª D. Irene dos Santos Baptista, Orientadora Escolar na Escola Secundária de Loulé.

Viagem às Civilizações Milenárias

32 — A GRANDE MESQUITA DE OMAR

Omar's Mosque, é o nome da mais sumptuosa mesquita muçulmana aberta ao culto. Toda a zona envolvente é tal qual os contos das Mil e Uma Noites.

Ao entrarmos no vasto recinto, sentimos imediatamente que entramos num mundo diferente, que não é judeu nem cristão. As fotografias ou filmagens estão absolutamente proibidas. Só às escondidas, o que se torna muito arriscado. Os muçulmanos crêem que se tiram uma fotografia, a sua alma sai do corpo e fica na foto.

A entrada da grandiosa mesquita, somos obrigados a tirar as sandálias e pô-las no monte. Aquilo até parece uma feira de calçado... em 2.º pé.

Lá dentro, maravilha das maravilhas, até desculpamos aqueles fanáticos por termos deixado as sandálias à porta. O chão é todo forrado a carpetes persas, dando comodidade ao andar. Centenas de crentes, nas suas vestes típicas, oram de joelhos e beijando o chão, ficando de rabo para o ar. Estas cerimónias são acompanhadas por uma espécie de choro. Os homens não estão juntos com as mulheres. Todos olham os visitantes com ar desconfiado e nada amistoso. Só a curiosidade de tudo queremos ver e conhecer, nos obriga a suportar aquele ambiente. Levamos as máquinas de fotografar e de filmar escondidas; mas, mesmo assim, quando tentamos puxar por uma delas, os olhos daquela gente até deixam faíscas. Está quieto.

No centro da mesquita encontra-se uma grande pedra que, dizem eles, é o centro do mundo. Ficamos sem saber que centro será esse. Isto de religiões, quanto menos discussão, melhor. Mas, pensando melhor, antes da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, a Terra era

considerada plana e circular, e nos mapas da época a tal pedra figurava como centro da circunferência terrestre. Essa mesma pedra tem uma pequena gruta, género cave. Descemo-la, pois então. É aqui o chamado poiso das almas, antes de irem ter com Alá. Também neste enorme pedregulho, Maomé subiu aos Céus, seundo a crença muçulmana.

Sáímos. Cá fora tivemos ocasião de presenciar ao que chega o fanatismo. Mesmo para os visitantes estrangeiros as leis têm que ser as mesmas: as senhoras não podem ter as costas, ombros ou braços descobertos, havendo guardas que estão a distribuir panos para as senhoras taparem essas partes do corpo; no caso de casais, repetimos mesmo estrangeiros, os maridos não podem andar de braço dado com as esposas!

Ao largo uma fonte com diversas bicas. É para os muçulmanos lá irem lavar os pés e as orelhas antes das suas orações. Não há dúvida que têm uma religião bastante higiénica.

Ainda na mesma zona, outra grande mesquita ao serviço do culto muçulmano: é a El Aqsa Mosque. Também a visitamos e tornámos a deixar as sandálias à porta. As mesmas cenas da anterior.

Era meio-dia, a hora forte do calor, que desgasta interior e exteriormente. Procurámos um restaurante e almoçámos: água, Coca-Cola e melancia.

M. VAZÃO

Próximo capítulo:

33 — Conversa com uma Judia

VOTE EM CONSCIENCIA

PELA DEMOCRACIA

PELO PROGRESSO

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

— Não diga a ninguém que eu lhe pedi o bolo, disse a criança ao sair de casa.

Quando a mulher saiu com o bolo cozido, encontrou o marido.

— Aonde vais?

— Vou levar este bolo a uma criança que tem o pai doente.

— Quem é essa criança?

— Não conheço: é um menino muito bonito, bem vestido e trás um barrete encarnado na cabeça.

O marido percebeu imediatamente quem o menino era e disse:

— Vai, mas acautela-te.

— Do quê?

— Não consintas que te toque com um dedo que seja.

A mulher riu-se da recomendação do marido, compreendendo mal a sua intenção, e levou o bolo à criança.

Com grande pasmo da boa mulher, a criança não aceitou o bolo, dizendo à maneira das crianças amuadas:

— Leva-o ao teu marido. Ah tirana que perdeste a tua fortuna! Vai para casa, sempre serás desgraçada!

A este tempo ainda a mulher não sabia quem era a criança, que assim a maltratava. Por isso respondeu:

— Eu não sei quem é o menino, mas percebo perfeitamente que é muito malcriado. Pediu-me o bolo e agora recusa aceitá-lo! Fiem-se lá em garotos!

Neste momento desapareceu a criança sem que a boa mulher pudesse saber que destino tomara. Lembrou-se então de ouvir falar aos seus avós em mouras encantadas no sítio do castelo. Apanhou tamanho susto que se pôs a correr para casa, onde não chegaria se o marido, que a espreitava de longe, não viesse recebê-la nos braços.

— Então já sabes quem era a criança? perguntou-lhe o marido, quando a viu mais restabelecida.

— Já sei, já sei; um mourinho encantado!

É a lenda muito expressa em mencionar os tesouros escondidos na cisterna do castelo, convertida em palácio encantado. E o povo ainda crê nessa lenda, que parece confirmada com o som metálico produzido por uma pedra atirada de cima para dentro da cisterna.

Um indivíduo, cujo nome não menciono, sonhou com dinheiro escondido na cisterna. Deu notícia do sonho a uns amigos, que re-

solveram em certa noite explorar o fundo da cisterna. Para o que desse foram convenientemente preparados com enxadas, alferces, barras, luzes e... água benta.

Sairam ao anoitecer. À proporção que se aproximavam do castelo ia arrefecendo o ardor dos empresários. Um deles, que levava uma espingarda de fuzil ou pederneira, largou-a quando começou a subir a ladeira do castelo. Ia na frente o que levava a água benta.

Começaram os trabalhos, colhendo umas moitas secas que obstruíam a boca da cisterna. Este serviço, na calada da noite, produziu-lhes certa comoção; por isso, quando quiseram amontoar os ramos secos, fizeram estes uma ramalhada tal que parecia uma coisa horrível. O da água benta largou a caldeirinha e pôs-se a correr em carreira aberta serro abaixo; os companheiros imitaram-no, e quando se reuniram em certo ponto estavam convencidos de que o som da ramalhada era nem mais nem menos o ranger dos dentes dos mouros encantados!

E vejam como o nosso povo está muito adiantado!

A MOURA DE FARO

XV

Faro é hoje a capital do Algarve. No tempo em que os serranos dominavam nesta província era Faro de pouca importância, comparada com Silves ou Tavira.

D. Afonso III tomou o castelo de Faro em 23 de Fevereiro de 1249.

Um cronista antigo, referindo-se a este sucesso, diz o seguinte: «Puzeram dom affonso e o mestre da ordem ho arraial sobre farão e repartirão seus combates d'esta maneira ho combate de ElRei dom Affonso foi no castelo e hum lança da villa athe uma porta que ora chamão das freiras e ho combate do mestre d'este lança athe a porta da villa e mandou ElRei hum rico homem que havia nome dom pero asquerenho com otro lança do muro athe uma torre que depois chamarão de joão de boim e este joão de boim tinha outro lança da torre athe ho combate de alcaere de ElRei afora estas capitánias erão ahi otros com elle conven a saber dom fernão loppes prior do hospital e ho mestre de aviz e ho chan-

A razão da prostituta e o problema do consumidor

Crónica de LUÍS PEREIRA



Neste caminho inseguro, aumenta o número de prostitutas, a questão dos negócios escuros, a vida vendida nas esquinas e nos passeios, as casas de relações inúteis. Mas não serão os homens os grandes culpados da prostituição? Os homens que continuam comprando e vendendo mulheres, utilizando-as como um objecto que quase sempre rende um dinheiro? Tudo advém de um nível sócio-cultural extremamente negativo; os sistemas morais evitam debater este tema, tão incómodo aos que vivem na sombra dos vícios, das extravagâncias sexuais, da droga e da corrupção generalizada. Não serão as instituições as grandes culpadas das proporções exageradas de prostitutas que transformam a sua vida num círculo fechado e desastroso?

Porque se vendem as mulheres? Não é apenas um problema de educação mas também o reflexo de uma Sociedade deteriorada, com um desemprego assustador e uma inflação galopante. A prostituta torna-se prisioneira do seu ambiente, a instituição torna uma vítima social, porque a prostituta passou a ganhar mais nas suas horas em que vende o corpo do que no seu trabalho quotidiano.

A prática da prostituição arrasta consigo toda a gama de crimes desde o roubo ao homicídio. A prostituição passou a ser um quadro que impressiona o pintor, um livro que valoriza o escritor, um motivo que evidencia o psicólogo, contudo, é um mal inevitável, um refúgio da mulher que deixou de sentir afecto na sociedade maquinizada.

da. A velocidade da maquinização é louca, o cliente da prostituta tornou-se o homem qualquer, frustrado, vazio de consciência, o cidadão proveniente de todas as camadas sociais, o cavalheiro insensível que se deixa abalar por excitações momentâneas, que deixou de compreender a família na sua avareza de pensar que tudo se compra com o dinheiro, até o sexo! Aqui está a impotência do amor, a frieza de sentimentos, que a Sociedade não repara.

Os que consomem o prato da sexualidade descontrolada (esse bater de coração ruidoso pela falta de carinho), procuram escovar-se da sua incapacidade de amar, da sua frustração interior, são esses os maiores transgressores da moral, pagam excessivamente para manterem um terreno de relações grosseiras, para explorarem a sensibilidade feminina, uma rasteira social onde a frágil mulher vem atolar-se vincadamente.

Um mundo de homens vencidos, de mulheres devoradas e quebradas; a confusão sexual aneja o espírito, propaga uma doença psicológica terrível. E que pensa o leitor? Sabendo que a prostituição é uma realidade evidente que vai aumentando consideravelmente, qual a solução que aponta para a sua diminuição: a legalidade de casas completamente livres onde se garanta um controlo higiénico ou a continuidade de relações ocultas nas noites de tráfico, de chulos e de crimes dos mais comoventes?

Creio que o primeiro aspecto poderia diminuir sensivelmente o

número de clientes e fazer despartar a prostituta para uma vida aberta, isto porque, as casas submeteriam a mulher a um exame de consciência; a mulher é ainda uma massa sensível e o homem um peso de vergonha. A maioria das prostitutas não gosta de ser notada, procura apresentar-se como uma mulher séria, como uma vítima ingénua que apenas busca o pão. Razão porque se estendem à beira das estradas, de olhos em baixo e não procuram tão facilmente essas casas de consumo corporal, onde a velha bruxa obtém os mais elevados juros. Acho que sim: primeiro que se puna o cliente da prostituta!

Luís Pereira

Terminou o ciclo da sobrevivência, vamos iniciar o ciclo de recuperação da Comissão de Turismo do Algarve

— afirmou o Dr. Ismael Ribeiro da Cunha

Em cerimónia realizada na sede da Comissão Regional de Turismo do Algarve, em Faro, o dr. Ismael Ribeiro da Cunha, presidente da Comissão Administrativa daquele Organismo, empossou os novos vogais — Horácio Cavaco e Jorge de Abreu.

O primeiro, que é Director da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, representa a Secretaria de Estado do Turismo e Jorge de Abreu, que é Director da Aldeia das Açólicas, representa os Aldeamentos Turísticos.

Presentes ao acto os restantes membros da Comissão Administrativa da C. R. T. A. — Walter Contreiras e João Vieira (que representam os Municípios do Sotavento e do Barlavento Algarvio), Cabrita Neto (em representação dos Industriais de Hotelaria) e Carlos Alberto (que representa o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira), assim como grande número de funcionários.

Após a leitura e assinatura dos autos de posse, usou da palavra o dr. Ismael Ribeiro da Cunha, que referiu:

«O acto a que acabamos de assistir tem um significado muito especial: ele constitui o passo mais importante na recuperação desta Comissão Regional de Turismo. Especialmente ao longo deste ano este Orgão viveu momentos de tal modo graves que muitos chegaram a duvidar da sua sobrevivência. Na dura luta que tem sido travada para não o deixar morrer, este deve ser justamente considerado o momento mais alto, por ser aquele que afasta para bem longe o fantasma da dissolução que durante muito tempo pairou sobre este Orgão. Terminou, pois, aquilo que poderíamos chamar o «ciclo da sobrevivência», vamos iniciar o ciclo de recuperação da Comissão de Turismo do Algarve».

O dr. Ismael Ribeiro da Cunha referiu-se depois aos empossados, «personalidades sobejamente conhecidas no mundo da actividade turística», apontando para a viabilidade e necessidade de a partir de agora se realizar todo um trabalho de equipa participado e participativo, na plena dedicação e responsabilização de todos.

Em nome dos novos membros da C. R. T. A. falou Jorge de Abreu que disse do empenho em continuar servindo o turismo algarvio.

A LINDA CONSTITUIÇÃO QUE NOS DERAM

(continuação da pág. 3)

pendência das colónias que ele entregou aos seus amigos negros para uso da Rússia.

Aos portugueses garantia ele que os seus direitos e os seus haveres seriam respeitados; mas agora que esse direito e haveres a todos foram roubados, ele nem quer ouvir dizer que os espoliados os reclamem.

Nesta medida podemos dizer que Mário Soares traiu portugueses e a sua pátria, da mesma forma que pretendia trair os empresários quando foi ao Brasil convidá-los a regressar a Portugal.

E como a presente Constituição que nos deram é obra de Mário Soares e Cunha que a defendem com unhas e dentes, e a pretendem perpetuar, isso bastava para a rejeitar se já de si própria não decorresse um furo diabólico, prejudicial ao interesse dos portugueses e de Portugal.

De resto a todos é dado ver as consequências de uma tal Constituição em três anos da sua existência: fome, ruína e desespero nos lares portugueses. Eis o socialismo da miséria como pode verificar-se em todos os estados comunistas.

NEVES ANACLETO

NOTÍCIAS DESPORTIVAS

BASQUETEBOL

No passado dia 3 de Novembro, no Pavilhão Gimnodesportivo de Faro, teve lugar a 3.ª e última sessão do «Curso de Reciclagem e de Animadores de Basquetebol» que a Delegação

Regional da D.G.D. programou e organizou no âmbito do Plano de Desenvolvimento do Basquetebol.

Este Curso contou com a presença de 18 participantes oriundos dos diversos Núcleos do Distrito.

LUTAS AMADORAS

A Delegação Regional de Faro da D.G.D. levou a efeito, no passado fim de semana, um Curso de Reciclagem de Animadores de Lutas Amadoras que teve lugar no Estabelecimento Termal das Caldas de Monchique.

Estiveram presentes 10 Animadores em representação dos seguintes Núcleos de apoio: — Grupo Desportivo Amador de Lagos, Clube Recreativo de Chão das Donas, Associação Cultural e Desportiva de Ferragudo, C.R.P. das Ferreiras, União Desportiva Messinense, Clube Náutico do Guadiana, Beira Mar de Monte Gordo, Grupo Desportivo Cultural e Recreativo Leões do Sul F. C. e Clube 1.º de Dezembro de Alcoutim.

DESPORTO PARA TODOS (GINÁSTICA VOLUNTÁRIA)

Para conhecimento de todos os interessados, informa-se que a Delegação Regional da D.G.D. tem em funcionamento no Pavilhão Gimnodesportivo de Faro, uma Classe de Ginástica, no âmbito do Desporto para Todos, sob a orientação do Prof. Gonçalves.

O horário de funcionamento é o seguinte: 3.ª e 5.ª feiras — Das 7 às 8 horas.

Os Noivos e o Planeamento Familiar

Ouve-se muitas vezes um par jovem dizer: «vamos casar, mas não queremos ter logo filhos». Porque as condições económicas ainda não o permitem, porque a casa ainda está por arranjar ou é demasiadamente pequena, porque um e outro ainda estudam (quando não ambos), porque há quem queira habituar-se primeiro à vida em comum, à grande aventura de viver a dois, num quotidiano difícil e diferente do tempo de namoro e noivado, etc., etc.. Razões há muitas e variadas. Evidentemente também há jovens casais que querem ter filhos assim que se unem, que os podem ter sem dificuldades. E ainda há um outro tipo de jovens futuros casais que desejariam muito ter um bebé «logo, logo», mas consciente e responsabilmente sabem que é melhor esperar uma altura da vida em que, acabados os estudos, um emprego à vista, uma casa com mais de um quarto, uma maior maturidade física e psicológica, lhes vai permitir ter um filho em condições senão ideais (que as não há), pelo menos em condições mais propícias, tanto para os pais como para os próprios filhos.

Ou-se muitas vezes um par jovem que vai casar por problemas deste tipo.

«Como havemos de fazer?» perguntam. Ou não perguntam e apenas pensam e se preocupam com o problema porque há um certo pudor em abordar estes assuntos.

E muitas vezes os noivos casam na maior das ignorâncias sobre a vida sexual e as consequências (indesejadas) de uma gravidez imediata.

Por isso os noivos — como qualquer cidadão — podem (e têm aliás esse direito consagrado pela lei portuguesa) recorrer às consultas de planeamento familiar da área em que vivem ou de um local próximo. Podem (e devem) ir os dois, porque o problema é do casal. Aliás há muitas coisas que os noivos provavelmente gostariam de conversar com os técnicos de planeamento familiar, diálogo certamente muito útil para o futuro casal.

De resto é sempre conveniente uma mulher ser vista ginecologicamente antes de casar (e depois uma vez anualmente), e há também algumas análises que todos os casais deviam fazer antes de pensarem ter filhos.

Para conhecer os locais de consultas existentes, podem solicitar-se à Comissão da Condição Feminina, na Av. Elias Garcia n.º 12-1.º — 1093 Lisboa — Codex (tel.: 732835) ou na Rua Magalhães de Lemos, 109-2.º — Porto (telef.: 21996), o envio gratuito da brochura «Planeamento Familiar, Ser Responsável pelo Nascimento dos Nossos Filhos».

Ângelo Sintra Delgado

MÉDICO ESPECIALISTA

CIRURGIA E ORTOPEDIA INFANTIL

Consultas: últimos sábados do mês a partir das 10 h.

Consultório: Largo Gago Coutinho, 4 — Telef. 62739 LOULÉ

QUINTAROLA

Tomo de arrendamento com garantia de próxima compra. Que seja local tranquilo, que tenha casa boa e fique situada na zona Loulé-S. Bartolomeu-Faro. Descrição e preços mínimos a Fernando Azinhal, Rua Afonso Albuquerque, 39 — Coimbra.

PRECISA-SE

Pequena sala para escritório em Loulé.

Informa Telefone 63059 — LOULÉ. (2-2)

A QUALIDADE QUE VOCÊ EXIGE

está agora ao seu alcance

Galerias Pinto Gago, Lda.

Um novo estabelecimento ao serviço do BOM GOSTO DECORATIVO

ESPECIALIZADA EM:

Móveis Clássicos * Mobiliário de Jardim * Grande diversidade em Móveis de Bambú * Tapeçarias Decorativas * Carpetes de Arraiolos Candelários * etc.

TUDO PARA O SEU LAR

Nas Galerias PINTO GAGO, LDA.

Vale da Venda - Telef. 28588 - Estrada 125 - FARO (6-1)

Porque devemos combater a mosca

Eça de Queiroz refere-se à mosca, na tradução que fez das Minas de Salomão, enquanto o herói do romance atravessou o deserto em procura do apêndice do tesouro, nos seguintes termos: «A nossa única companhia era a mosca, a mosca ordinária e caseira...»

Digno e venerável animal! Em qualquer lugar em que o homem penetra, deserto, montanha, caverna — a mosca lá está. Foi este decerto o primeiro dos seres vivos que surgiu sobre a Terra. Já havia moscas para pousar no nariz de Adão. O derradeiro homem há-de morrer com uma mosca a zumbir-lhe em torno à face. E talvez haja moscas no Paraíso.

Para além do aspecto caricatural tão bem desenhado pelo romancista, fica-nos essa realidade, a mosca, com a qual nos habituamos a conviver, a partilhar a nossa vida de todos os dias, apenas as afastando quando nos incomodam demasiado. Mas poucos sabemos, ou temos consciência precisa, dos graves perigos que a mosca representa para a nossa saúde.

Consequência da falta de higiene, a sua maior ou menor quantidade revela o índice sanitário dum povo.

Com efeito a sua propagação faz-se nos lixos, nas nitreiras, onde deixam os seus ovos, procurando para tanto os produtos em decomposição, a carne, o peixe, muito especialmente as fezes.

E sendo através destas que se propaga a febre tifóide, os ingleses de há muito que designam a mosca vulgar por mosca da febre tifóide.

Algumas depositam os ovos nas cúpulas de animais, como o boi, o cavalo, o cão, onde se desenvolvem larvas que provocam graves doenças, transmissíveis ao homem.

Existe uma grande variedade de moscas, mas todas têm em comum, infelizmente, um certo número de características que as tornam o inimigo número um da saúde. Uma delas é a sua apetência para os esterco, outro, a especial configuração das patas, com milhares de pelos, só visíveis com o auxílio de grandes lentes, nas quais transportam toda a espécie de bactérias que depositam sempre que pousam.

Elas fazem-no durante a sua irrequieta mobilidade, em tudo o que nos serve ou ingerimos: nas roupas, nas loiças, nos alimentos, na água. As crianças, as mais novas são durante o sono, na boca, atraídas pela humidade e cheiro a leite. Daí a ele-

vada mortalidade infantil por diarreias, meningites, etc..

Segundo estudos feitos, cada casal de moscas produz, durante a sua vida, que é inferior a um ano, um mínimo de 1.500 ovos. Felizmente que a descendência nem toda vingará, mercê de acidentes vários e da luta que o homem lhes move, porque, caso contrário, dizem esses estudos, em poucos meses toda a superfície da terra estaria coberta de moscas com uma espessura de 15 cm.!

Das muitas doenças transmitidas pela mosca, a cólera reveste-se de um significado e actualidade especiais, mercê dos casos verificados em Portugal nos últimos anos e da falta de água, tão directamente ligada a problemas de higiene. Urge, assim, por estas e muitas outras, desencadear uma guerra, sem tréguas a esse insecto.

A luta contra este flagelo tem-se caracterizado essencialmente em evitar a entrada das moscas em nossas casas, colocando redes nas janelas, tulles nos berços, utilização de sprays, fitas com cola para as atrair, etc..

Sem pôr de parte estes meios, há que ir mais longe e procurar a sua destruição, isto é nos lixos, nas águas estagnadas, nas retretes e outros locais semelhantes.

Há que queimar ou enterrar esses lixos, sempre que não sejam em tempo oportuno retirados pelos serviços competentes de limpeza.

Há que evitar as águas estagnadas, drenando-as ou enchendo os espaços com terras e bem assim tapar as fossas, nitreiras e outros depósitos de excrementos, com redes de apertada malha. Deve também regar-se toda a zona infestada com petróleo, creolina ou cloreto e fazer uso do maior número possível de insecticidas.

A Direcção Geral de Higiene e Segurança do Trabalho, recorda especialmente estes cuidados aos agricultores, em ordem a levar às zonas rurais melhores condições de segurança e higiene no trabalho, para uma melhor segurança das populações.

Lembremo-nos que não é só a nossa vida que está em perigo, mas a dos nossos filhos, principalmente daqueles que ainda não se podem defender e que mal ainda a iniciaram.

Vejamos na mosca, não a bailarina que esvoaça caprichosamente em redor de nós, mas a sua autêntica realidade, nojenta, portadora de tanta doença e da própria morte.

Orlando do Nascimento

Votar, mas votar bem

(Continuação da pág. 1)

contra o próprio cidadão, então, que votar. Ninguém poderá abster-se.

Porque a Assembleia da República é o órgão do poder legislativo e porque, normalmente, é ao partido aí mais votado, por estar em melhores condições para fazer aprovar leis e governar, que se recorre para se encontrar o chefe do executivo que há-de constituir, sob a sua responsabilidade, o governo da Nação, é evidente que haverá que votar, mas votar bem. Em quem, pois?

É esta a pergunta angustiada que todo o cidadão eleitor consciente e responsável se põe a si mesmo. Em quem votar?

A resposta a semelhante pergunta terá de ser encontrada por cada um, no foro da sua consciência, face aos partidos, e aos seus programas, que se candidatam. Por isso, todos devem votar sabendo claramente o que vão fazer. Terão de conhecer suficientemente os sistemas, os projectos, os interesses, e não apenas ouvir e deixar-se levar por intenções eleitorais, que, normalmente, não vêm nunca a concretizar-se após as eleições. Saber discernir a verdade da mentira, a realidade da falsidade, o palco da vida concreta e real do palco palavroso e facilmente inflamável, mas oco, dos comícios tão

cheios, por vezes, de promessas vãs. Saber distinguir, pelos seus programas e atitudes práticas, o partido ou os partidos que dizem a verdade tal como ela é e a pretendem servir ao Povo.

Concretamente, não será mesmo nada difícil ver-se que todo e qualquer programa partidário, para que possa ser aceite como verdadeiramente válido e construtivo, nada poderá conter que vá contra a dignidade da pessoa humana, contra as liberdades fundamentais e direitos inalienáveis do homem, contra o bem comum da sociedade, contra a verdadeira democracia.

Ora, sabe-se, logo à partida, que há partidos que são totalitários, como os partidos comunistas.

Há-os que são socialistas e que, inspirando-se no marxismo, pretendem, ao fim e ao cabo, o mesmo que os comunistas querem de imediato pela revolução sangrenta ou pela ditadura. São estes os partidos que defendem um socialismo, irmão do comunismo, e que pretendem a limitação dos direitos e liberdades do homem, como, por exemplo, o direito de propriedade privada dos meios de produção que aspiram a eliminar até progressivamente; atentam contra o direito à vida, defendendo o crime do aborto; favorecem a destruição da famí-

lia pelo divórcio que defendem; asfixiam o direito à liberdade de iniciativa privada, pela estatização e nacionalização dos sectores-chave (e depois também os outros) da economia, que impõem; reduzem o direito à liberdade de informação e de expressão, consoante os interesses partidários. Partidos que defendem um socialismo, irmão do comunismo, que, «levados por ideologias materialistas estatistas, designadamente marxismo (eles aí estão em Portugal prontos a concorrer às próximas eleições) e inspirados pela adopção de técnicas revolucionárias ou sob o domínio de uma visão tecnocrática do «Estado onipotente», incorrem em teorias ou em práticas que levam a sobrevalorizar o papel do Estado, dele esperando tudo quanto respeita ao bem-estar, progresso e cultura da sociedade e mesmo à propriedade e à actividade produtiva». Etc... etc....

Não vimos já isso mesmo em Portugal? Que fez, por exemplo, o partido socialista português, não só quando votou a Constituição marxista de 1976, como quando fez aprovar determinadas leis no Parlamento, e ainda enquanto foi governo? Que esperamos nós, portugueses, de um socialismo que tal? Não ficou o Povo português saturado, e revoltado até, com a actuação do PS, quer no Parlamento, quer como governo? Que maiores paradoxos e ambiguidades poderiam ter havido mais, para que mereça agora qualquer confiança que seja? Seremos todos assim tão desmoriados? E que fez o gongalvismo socialista que perdurou, na prática, ao longo de todo o socialismo socialista?

Partidos também os haverá que «inspirados pela ideologia liberal, pelo culto da sociedade de consumo ou por modelos de puro capitalismo, já ultrapassados e geradores de graves injustiças, tendem, pelo contrário, a reduzir ao mínimo o papel do Estado, considerando-o como que um mero encargo ou fardo da sociedade, quando não um inimigo nato dos seus valores». Claro que partidos destes não são de aceitar.

Partidos que tomam o Estado como um fim em si, que lhe atribuem funções excessivas, que melhor poderiam pertencer às pessoas, famílias ou grupos sociais, que o desviam do serviço de todos para o colocar sob a égide dos interesses de uns poucos, para suprimir ou limitar demasiadamente direitos fundamentais, isto é, que defendem práticas totalitárias, decorrentes de uma visão estatista e opressiva, claro que não são de aceitar, também.

Porque é preciso votar bem, dissemos em quem não votar. Como votar então bem? Foi a pergunta que ficou no ar. Tentaremos responder.

C. G.

MOVIMENTO CRISTÃO PRÓ-VOTO

(Continuação da pág. 1)

português, com base na doutrina social da igreja e em todos os seus documentos pastorais.

«Além de pretender que um cidadão vote devidamente esclarecido, este Movimento politicamente apertado, pode e deve contribuir, como principal objectivo, para a educação cívica do nosso Povo».

Disse o Bispo do Porto em audiência concedida aos membros da Comissão Coordenadora

LOULÉ



JOSÉ GUERREIRO BEXIGA

AGRADECIMENTO

Sua mulher e restante família vêm por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que compartilharam da sua grande dor, e se dignaram acompanhar à última morada o seu saudoso e chorado extinto, não o fazendo pessoalmente, como era de seu desejo por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas.

daquele Movimento, Dr. Alvaro Roquette e Jerónimo Carneiro.

Foi esclarecido que a iniciativa partia de um grupo de Cristãos independentes, sem compromissos políticos com quaisquer partidos, que, preocupados com a grande percentagem prevista em abstencionismo ao direito de voto, fundaram este Movimento com a finalidade de promover uma Campanha de esclarecimento Cristão ao próprio acto de votar.

Com centros coordenadores em todas as zonas do nosso País apoiados nos Movimentos e Obras Apostólicas, este Movimento irá criar escolas regionais de responsáveis a quem compete esclarecer e educar civicamente o povo português, com base na doutrina social da Igreja e seus Documentos Pastorais, tendo como objectivo imediato o esclarecimento cristão ao acto de votar.

Já foram efectuados contactos com os centros do Norte do País nomeadamente Leiria, Coimbra, Guarda, Viseu, Lamego, Bragança, Braga, Vila Real, Viana do Castelo e Aveiro.

SIEMENS SURDOS

UM SIMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS

Especializado em Acústica Médica na Alemanha

ATENÇÃO ALGARVE

CONSULTE no dia 21 de NOVEMBRO nas seguintes cidades, o Especialista da nossa Casa para fazer a aplicação de prótese auditiva em todos os casos de surdez, mesmo muito graves e considerados surdo-mudos!

Em PORTIMÃO — na Farmácia Carvalho às 9 horas.

Em LOULÉ — na Farmácia Pinto às 11 horas.

Em OLHÃO — na Farmácia Rocha às 15 h.

Em FARO — na Farmácia Almeida das 17 até às 19 h.

Escritórios e Laboratórios de experiência em LISBOA — Rua da Escola Politécnica — Entrada pela Calçada Eng.º Miguel Pais, 66-1.º — Telef. 605872-662372.



Ouvindo Secreto

CENTRO COMERCIAL

DA MARINA DE VILAMOURA

ADMITE

1.º Escriturário/a para serviço no Gabinete da Direcção. As candidatas deverão ter prática de expediente geral de escritório e dactilografia, fluência em Inglês, meios próprios de deslocação de e para o local de trabalho e estarem livres para admissão imediata, após provas de selecção.

Resposta manuscrita com «curriculum vitae», de preferência acompanhado de fotografia e vencimento pretendido, ao Centro Comercial da Marina - Vilamoura.

Para os que têm ouvidos e não ouvem Para os que têm olhos e não vêem

(continuação da pág. 1)

dona de ser devidamente feita para bem se julgar e verificar das afinidades, largas afinidades, com os políticos e a política de agora. Por isso se transcreveu mais uns passos do folheto de que vimos tratando, intitulado:

A RESPOSTA DO PAÍS FALA O VELHO PORTUGAL

«Os meus tribunais são, em geral, incorruptíveis e rectos; contudo, se nos seus julgados intervem a acção dos ministros, logo as leis são desprezadas, e das mais arbitrárias ditaduras faz-se direito obrigatório.

A minha burocracia, ou por mal organizada, ou por mal retribuída, não corresponde aos serviços que lhe estão incumbidos, e nas minhas repartições, a inércia é tão grande, que é feliz o pretendente que sobrevive à pensão.

No meu sistema eleitoral quem vota sou eu, mas não sou eu quem elege; o meu voto ou é falsificado por mil formas que não sei evitar, ou me é estorquido por pressões a que não posso resistir.

O meu parlamento imita, nos vícios e defeitos, todos os parlamentos do Mundo: usam os procuradores das procurações em seu proveito e nem possibilidade existe de lhes revogar.

A minha política, onde a deslealdade abunda e o brio se compromete, é feita de fome e cheia de intrigas para governar.

Os meus ministros ou são incapazes, ou não sabem salvar-me, ou são atilados, e descreeram já da minha salvação.

Finalmente a minha realza, confiada às mãos de um moço, príncipe, parece ter, sem desgosto, abdicado das ásperas conselheiras de reinar.

Eis aí esboçada em breves traços, a situação de miséria e de vergonha em que eu arrasto, semi-morto, a existência perante Deus e perante o Mundo. E é nestas condições confrangentes e doloridas que, vem soando agora aos meus ouvidos um confuso tumultuar de vozes, que ou me aplaudem no meu silêncio, tomado à conta de indiferença, ou me chamam em meu auxílio com o aviso de que estou em perigo. De um lado ressoa um coro de louvores à prudência dos meus actos e à resignação de que dou provas. Doutrou lado, erguem-se clamorosos protestos, pedindo-me braços para a luta e peitos para a morte, na reconquista patriótica dos meus foros e direitos. Pois bem! Visto ser para mim que todos apelam, a todos farei ouvir a minha voz, e se todos em meu

nome falam, que todos me oiçam atentamente.

E de novo paramos, para outro avanço, dado que o folheto não termina com as considerações feitas. Muito pelo contrário! O folheto está longe do seu fim e à medida que se avança neles, mais se verifica, o que mais não é do que aquilo a que o grande caricaturista e ceramista que foi Bordalo Pinheiro que classificou, com propriedade, de *a porca da política*.

Continuaremos, pois!

M. J. VAZ

O JARDIM DOS «AMUADOS»

(continuação da pág. 1)

Jardim, tão artisticamente e comodamente postado ao recreio dos visitantes. O seu grande raio visual, norte, poente e sul, são os gloriosos sectores que dão aos amigos do Jardim, o melhor dos prazeres recreistas. Um panorama como este não há dinheiro que o pague, porque o capricho da Natureza não se compra a pedido de amigos, nem se satisfaz a solicitações de afilhados; é de si estável, firme, no sagrado direito de ser respeitado. A vista, os horizontes indefinidos e definidos são partículas divinas que os mortais, bem formados, vamos, têm obrigação de respeitar.

O nosso belo, belíssimo Jardim, está a ser alterado pela mão dos homens.

A Natureza que o criou está a ser vendida aos interesses de certos indivíduos. Não está certo! Nem tudo o dinheiro é o rei soberano. A Natureza impõe-se, é a Divina. Soberana, é aquela que tem o poder de impôr as suas Leis, para que delas os mortais trilhem o seu caminho.

O sector Norte que se desfruta do extraordinário panorama deste Jardim, está a ser totalmente tapado pelos prédios que em baixo, no vale, estão a ser erguidos.

Quem tal autorizou não teve em atenção a riqueza roubada ao

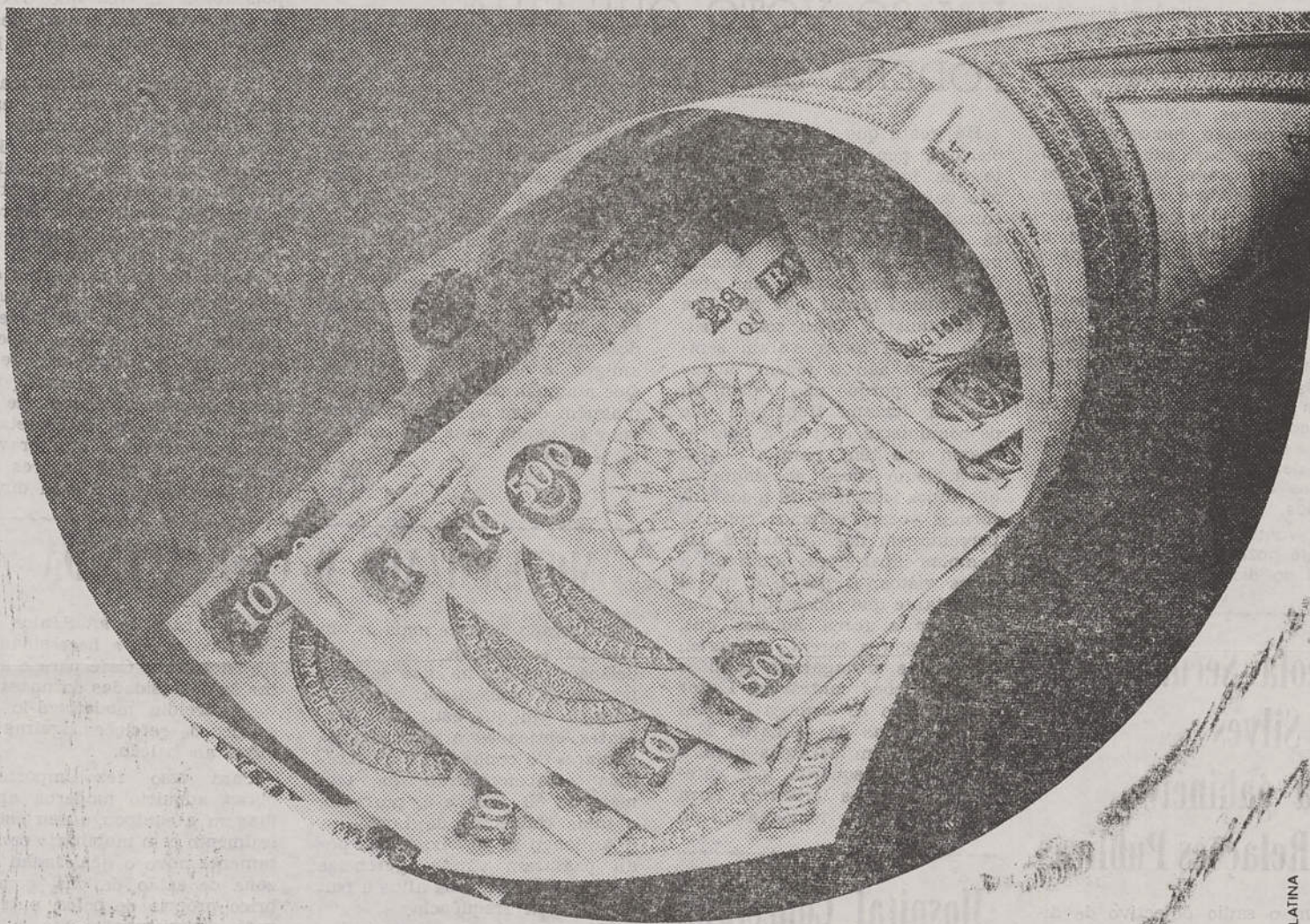
recreio e prazer dos louletanos. A vista de todos não se resume a interesses de poucos.

Se ainda for tempo disso, quem de direito salve os sectores poente e sul, porque, depois do grave crime praticado com o sector norte, pelo menos que fique livre e se respeite o que os outros dois sectores nos dão à vista e ao recreio do povo louletano.

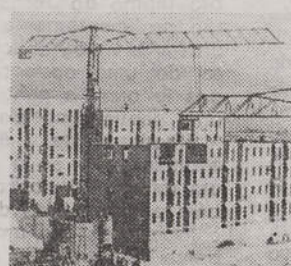
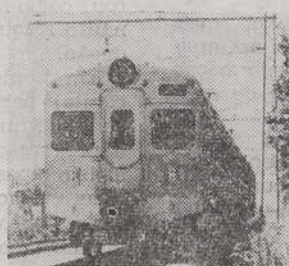
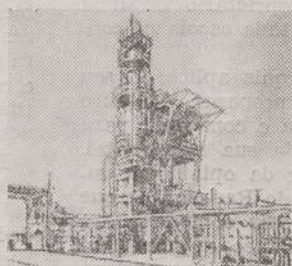
Aos «amigos de Loulé», que os há e bons, peço que tenham bem em vista este zelo baírrista a bem de Loulé panorâmico.

Não deixem entaipar o que resta, que seria a morte do belo, belíssimo, Jardim dos Amuados!

Pedro de Freitas



O MELHOR JURO É O QUE SE VÊ POR INTEIRO OBRIGAÇÕES DO TESOURO FIP 79



21% livres de impostos

As Obrigações do Tesouro rendem actualmente 21%, com total isenção de impostos. É lucro líquido. Um bom investimento.

As Obrigações do Tesouro dão-lhe juros iguais à taxa de desconto do Banco de Portugal mais 3%. E nunca inferiores a 15%.



As Obrigações do Tesouro são títulos do próprio Estado. Têm a garantia máxima de rendimento em segurança. Dirija-se a qualquer Instituição de Crédito e faça a sua subscrição de Obrigações do Tesouro. O melhor investimento é o que tem rendimento garantido.

OBRIGAÇÕES DO TESOURO FIP 79

o investimento mais seguro

Trespasa-se

Bar - Restaurante, próximo das Duas Sentinelas, estrada de Quarteira. Informa Rocheta, Telef. 63123 — LOULÉ.

VENDEM - SE

Cinco Apartamentos em Portimão. Mobilados - Rendimento elevado - arrendamentos/épocas. Possibilidade aproveitamento financiamento existente. Trata o próprio, (motivos patriculares). Resposta a este jornal ao n.º 57.

VENDE - SE

Terreno situado na Avenida da Liberdade, em S. Brás de Alportel, com 16.000 m2. Tratar na Rua Paiva de Andrade, 52-1.º H — Tel. 23337 — Torres Vedras.

(10-8)

Todos têm bons estômagos!...

Crónica de LUIS PEREIRA

Coisa espantosa! Podem os políticos sofrer da peitaca ou da cachimónia, todos têm bons estômagos... Cada qual avia as suas malas para o banquete aqui ou acolá, para a manifestação além com o prévio cocktail e todas as apresentações o terminíssimo jantar de confraternização, a conveniência dos negócios ciganos da política.

A massa bruta se esgueira buscando os refúgios, é um rumor de gente corrupta ou pesada de obscurantismo que vêm ouvir os dinossauros da política. Estes aparecem velozmente a «tranquilizar», com a dosagem necessária, o público cansativamente espojado nessas reuniões e comícios de desculpas e de agulhas, com o ópio delirante dos verbalismos eleitorais; pão para todos, casa para todos com TV a dois canais e cores, ensino democratizado e gratuito, lucros optimistas nas empras, alta produção na reforma agrária, vamos, todos ter personalidade e votar no partido tal que todos poderemos desembaraçarmo-nos das crises e passear livremente sem dispêndios!...

Entretanto, uns orgulhosamente sós outros orgulhosamente unidos, compõem a sua linguagem de captação, mobilizam os tradicionais chefes de fila, constroem a sua pirâmide de promessas e vêm com seus ares poluídos golpear ainda mais as asas deste País deprimido. Águas espessas sujadas de infâmias, egoísmos e traições.

Dá vontade de fazer uma careta de gozo aos que perseguem o sol no dia findo à procura de

um lugar público, seja numa Junta de Freguesia ou numa Câmara. Pensam os célebres candidatos que se expandem com um abanar de chapéu dos ignorantes, é um gozo em risadas sem modo. Mal-habitados na escuridão da política, ardidos e extremados nas suas posições de incompetência, acabam por estourar mesmo diante dos cegos que ainda se curvam a esses homens-abismos. Neste espaço estendido de ruidos as criaturas usuais são escolhidas a dedo, o senhor fabuloso tal ou o originário de tal classe de corpo deserto e coração espremidido. É o laboratório da política autárquica, absolutamente fechado, onde se abriga a angústia e

se escondem todas as vibrações antidemocráticas.

Os profetas anunciadores de desgraças que aprenderam mal a lição de cravo são a própria fatalidade de uma descentralização que morre nos burocráticos meios do desconsolo.

— Há tanta coisa qu'a gente não entende, compadre!

— O que é que haverá lá atrás das estrelas?

Interroga-se o homem-comum nos ladrilhos barulhentos de uma Câmara ou nas trevas de uma junta. Não há Democracia sem lucidez ou transparência. No itinerário da alma desses senhores dilata-se o aspecto ditatorial que proíbe a palavra do Povo.

UM SÓ VOTO QUE SEJA PODERÁ SER DECISIVO

Há gente que, em matéria de eleições, pensa comodisticamente que mais voto menos voto, não vai influir em nada no resultado eleitoral. O problema está em que, uns somados aos outros, às pessoas que pensam desta maneira, leva a um abstencionismo brutal, que favorece os comunistas. Estes, como é sabido, votam todos, votam sempre, e só não o fazem dúzias de vezes, porque não podem, ou não os deixam. Repare-se que os comunistas só têm a percentagem que têm, porque o abstencionismo chega aos números que todos sabemos. Se todos nós formos votar, veremos como a percentagem dos defensores das «amplas liberdades» diminui a olhos vistos. É por isso que é importante que todos votem. Para tirar a força àqueles que, mesmo sem a terem, a querem ostentar e esmagar as opiniões e as posições contrárias. Leitor amigo! Não se esqueça que em 1976, dezenas de Câmaras Municipais foram perdidas para a maioria de esquerda, por diferenças de votos irrisórias. Para não irmos mais longe, aqui, ao

pé da nossa porta, em Albufeira perdeu-se por 12 votos, ao que nos disse um amigo, por um conjunto de homens se terem juntado para ir votar, e não levaram as mulheres, e em Lagoa, a diferença foi de 8 votos. Por incrível que pareça, isto passou-se, e sem necessidade nenhuma! Por isso, vamos todos votar, e levemos os nossos amigos, e os vizinhos também! Que ninguém fique em casa! Que ninguém deixe de votar. Por um voto se ganha, mas por um voto se perde!

S. A.

ÓPERA NO ALGARVE

UM ÊXITO A ASSINALAR

A Ópera não é, evidentemente, um espectáculo para multidões mas a verdade é que há dias, aqui na província, uma pequena multidão de curiosos, uns, entusiastas outros, esgotou completamente a lotação do Cine-Teatro de Santo António de Faro para assistir a um dos mais famosos espectáculos que o teatro pode proporcionar.

Embora se diga que foi esta a 2.ª vez que se representou ópera no Algarve, o espectáculo de 31 poderá considerar-se inédito, pois foi a 1.ª vez que o Coro e Orquestra de Teatro de S. Carlos actuaram na nossa província.

E fizeram-no de forma magistral, como aliás era de esperar da categoria de artistas que interpretaram «Madame Butterfly», com o elevado nível de profissionais dignos desse nome.

Por isso, tanto os intérpretes como a magnífica Orquestra mereceram os mais rasgados elogios dos bons entendedores e os calorosos aplausos de quantos puderam sentir a felicidade de assistir a tão soberbo espectáculo, onde a difícil arte de representar se aliou ao canto, num impressionante conjunto de dupla capacidade interpretativa que bem atesta a alta craveira artística dos seus autores.

Impressionante é, sem dúvida,

a merecida expressão que poderá simbolizar todo aquele espectáculo de rara beleza musical e coreográfica, numa magistral sinfonia de cor, luz, arte e encanto, tudo se conjugando para que fique perdurando em cada um grande acontecimento artístico.

Está, portanto, de parabéns, a Comissão Regional de Turismo do Algarve, por ter tido a feliz iniciativa de trazer até nós a representação de «Madame Butterfly» essa imorredoura obra de Puccini, que é uma das glórias de Itália.

A importância da palavra NÃO

Já não é a primeira vez que acontece notarmos nos nossos escritos a ausência da palavra NÃO, apesar de esta estar perfeitamente clara no original.

Evidentemente que é uma palavra de tal forma importante que inverte completamente o sentido da frase, e daí a razão porque não podemos deixar sem a necessária rectificação uma frase publicada no n.º 750 deste jornal, no artigo «A estúpida mania das cartas anónimas» e onde a ausência da palavra «Não» baralha o sentido daquilo que pretendemos dizer.

Por isso repetimos hoje parte do 4.º parágrafo na parte que saiu incorrecta: «...por nos proporcionar a oportunidade de esclarecer e fazer lembrar a certas pessoas que 5 anos NÃO é tempo para fazer varrer da memória dos portugueses aquilo a que têm assistido desde que rebentou a «Revolução dos Cravos».

Conselho para a Liberdade do Ensino

Foi publicada no «Diário da República», n.º 230, I Série, do dia 4, a Lei n.º 65/79 que cria junto da Assembleia da República, o Conselho para a Liberdade do Ensino, ao qual compete «velar pelo respeito da liberdade do ensino e apreciar quaisquer infracções à mesma, nos termos da Lei».

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Foi publicado no «Diário da República», do dia 4, a Lei n.º 66/79 que cria, na dependência do Ministério da Educação e Investigação Científica, o Instituto de Educação Especial ao qual compete, além dos objectivos da educação em geral, promover o desenvolvimento das potencialidades físicas e intelectuais de crianças deficientes.

A PROPÓSITO...

DA IMPRENSA REGIONAL

A Imprensa Regional é, dentro do âmbito da zona onde se publica, um elo de ligação entre os cidadãos, quer se radiquem no estrangeiro ou em qualquer parte do território nacional.

Se é a que mais sente certas dificuldades de natureza humana e técnica não é menos exacta que lhe devemos o estímulo e o incentivo que imprime aos vários problemas da vida regional.

Por isso, e pelo quanto possa representar em termos de infor-

mação e formação e para as populações, «Informação Externa» não podia, de modo algum, alhear-se da sua válida existência. Crentes no seu plano expansivo, esperamos ter nela uma colaboração prestimosa na divulgação de um tipo de informação a que as populações têm difícil acesso e que, em termos muito concretos, poderá tocar no seu modo de vida.

(Do «Informação Externa» do Ministério do Trabalho)

Escola Secundária de Silves cria gabinete de Relações Públicas

Com o sadio objectivo de dinamizar a vida escolar e interessar os alunos por diversos ramos de actividades recreativas e culturais que são particularmente úteis aos jovens, acaba de ser criado, na Escola Secundária de Silves, um Gabinete de Relações Públicas, circunstância que acredita a Escola de Silves como pioneira deste tipo de iniciativa no nosso país.

Entre os objectivos a atingir é de salientar que o Gabinete pretende reeditar o jornal da Escola e proporcionar sessões de teatro e cinema amador e visitas de estudo, que proporcionarão divulgar o património cultural e artístico da nossa região. Consciencializar os estudantes dos problemas que afectam a sociedade actual será também uma das finalidades do novo Gabinete, o qual é totalmente formado por jovens que frequentam o 11.º ano do curso Complementar do Ensino Secundário Unificado (área de estudos humanísticos) e que são os seguintes:

Directora — Ana Paula Neves Pizarra Bravo; Serviço de Estudos e Pesquisa — Fernando José Correia Vicente; Serviço de Inquéritos — António Manuel Alves Martins; Serviço de Concepção e Redacção — Maria Teresa Fonseca Padre de Oliveira; Serviço de Execução — Joaquim Manuel Neto dos Santos; Serviço de Relações com os Públicos Internos — Paulo Jorge Vieira Penisa; Serviço de Relações com os Públicos Externos — Rui Manuel Martins Cabrita da Luz; Serviço de Divulgação de Informações — Maria de Lurdes Gago Formosinho Mealha.

Hospital Concelhio de Loulé

Sr. Director de «A Voz de Loulé» — Loulé.

Muito gratos pelo acolhimento que se dignou conceder-nos com a publicação do nosso comunicado na edição de 25 de Outubro último do Jornal que V. Ex.ª tão proficientemente dirige, mais uma vez vimos solicitar, no intuito de uma correcta informação dos leitores, a gentileza de mais uma pequena notícia.

Efectivamente, é-nos grato anunciar não só a recepção de um reforço financeiro, como também a promessa, das entidades competentes, de uma próxima e breve regularização de todos os encargos assumidos.

Muito embora a Comissão Instaladora continue apreensiva, nomeadamente com a situação relativa ao sector de enfermagem, que se apontava no anterior Comunicado, estamos convictos de que não só se evitarão rupturas noutros sectores, como ainda se poderá, a breve trecho, ultrapassar a crise actual.

Neste sentido, continua a Comissão Instaladora, a envidar todos os seus esforços, na expectativa de que os Organismos Competentes não deixarão de dar todo o seu apoio possível.

Renovando os nossos agradecimentos, e uma vez mais antecipadamente gratos pela atenção que V. Ex.ª se dignar dispensar, apresentamos, entretanto, os nossos melhores cumprimentos.

Atenciosamente,

A Comissão Instaladora

MODERNIZADO O CAFÉ AVENIDA

Encerrado durante mais de um mês para obras de total remodelação, reabriu há dias as suas portas (e após uma pré-inauguração em que estiveram presentes entidades oficiais e particulares) o conhecido Café Avenida, estabelecimento que tem mais de 50 anos e é, portanto, o mais conhecido de Loulé.

Ao longo da sua existência por ali passaram várias gerências que influenciaram os altos e baixos da sua frequência.

Há cerca de um ano, porém, o Café Avenida foi trespassado ao sr. António Santos Luís, um louletano que aos 17 anos emigrou para França e de lá regressou 19 anos depois para se estabelecer na sua terra natal a realizar um sonho que alimentava desde muito jovem: montar um café.

Em França, venceu, lutando por uma vida melhor, e prosperou como proprietário de uma muito frequentada escola de condução.

Em Loulé, quis aplicar o seu capital para preparar o futuro da sua família e contribuir para o progresso da sua terra natal. E isto apesar da opinião de alguns «velhos do Restelo» de que seria muito mais cómodo pôr o dinheiro no Banco e viver com os altos juros que proporciona — e que de facto é estímulo para que ninguém faça nada pelo progresso deste cada vez mais pobre país.

De facto na situação em que vivemos ninguém tem vontade de criar novas empresas nem criar novos postos de trabalho, pois isso levanta tantos e tão complexos problemas que mais vale pôr o dinheiro a render do que fomentar o desenvolvimento do País.

Aliás até é caso para dizer que os nossos governantes se têm preocupado muito mais em estimular a inactividade do que em resolver os problemas do desemprego e do progresso em geral.

Mas felizmente que ainda vai aparecendo um ou outro empresário que vai arriscando o seu dinheiro em novos empreendimen-